

# INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

## ARTIGO

### *COMISSÃO DE PESQUISA: DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES*

MOACYR NOVAES

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

PRESIDENTE DA COMISSÃO DE PESQUISA

A Comissão de Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas tem atuado em quatro áreas principais: 1) Promoção da Iniciação Científica. 2) Suporte a professores e pós-doutorandos, facilitando o acesso às políticas de fomento de agências (Fapesp e CNPq, em especial) e dos órgãos centrais da USP. Em particular, a Pró-Reitoria de Pesquisa mantém diferentes projetos para dar apoio à pesquisa e à sua articulação com o ensino, como poderá ser constatado na página eletrônica da Faculdade ([www.ffch.usp.br](http://www.ffch.usp.br)) no link de PESQUISA. 3) Em sintonia com a Assistência de Informática da Diretoria e com a Seção Técnica de Informática, somos responsáveis pelo grupo de trabalho encarregado do relatório anual de atividades da Faculdade, e pelo projeto de expansão e aprimoramento das Salas Pró-aluno. 4) Temos trabalhado igualmente com as Comissões de Pesquisa de outras unidades (ECA, FAU, FE, FEA, IEB, MAE e MP) na realização de seminários que permitem integrar diferentes perspectivas e oferecer aos alunos de graduação e pós-graduação um panorama da pesquisa realizada na USP. Este ano, promovemos o Seminários "Pesquisa, Educação e Cidadania", cuja próxima atividade será o Seminário: Políticas afirmativas e o ensino público no Brasil, no dia 31 de outubro às 14 horas, sala 08 do conjunto didático de Ciências Sociais e Filosofia – FFLCH. A mesa será composta pelas professoras Eunice Durham (DA-USP), Fúlvia Rosemberg (Fundação Carlos Chagas - SP, PUC-SP), Maria José Féres (Secretaria Nacional de Educação Infantil e Fundamental MEC) e o professor Peter Fry (UFRJ). Esse evento é promovido por: FFLCH, ECA, MA, MAE, IEB, FAU, FEA e FE.

#### INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Neste espaço do Informe, daremos destaque especial à Iniciação Científica, em vista da relevância que tem adquirido como dinamizadora do vínculo entre o ensino de graduação, a pós-graduação e a pesquisa dos professores.

As atividades de Iniciação Científica são lugar de um esforço permanente para estabelecer políticas comuns a todos os Departamentos. Conhecendo a multiplicidade e diversidade de estilos presente em uma Faculdade complexa como a nossa, temos logrado amadurecer uma política comum, em especial no tocante à seleção de bolsistas, ao apoio à apresentação dos trabalhos, e à publicação de parte deles.



| ARTIGO  |    |
|---|----|
| <i>COMISSÃO DE PESQUISA: DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES,</i><br>MOACYR NOVAES                | 1  |
| EDITORIAL, 2  |    |
| ENTREVISTAS   |    |
| <i>PESQUISA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO,</i><br>PROF. DR. LUIZ NUNES DE OLIVEIRA     | 3  |
| ESPAÇO MEMÓRIA  |    |
| <i>APRESENTAÇÃO SOBRE A FFLCH/USP,</i>  | 5  |
| <i>BREVE HISTÓRICO SOBRE OS DIRETORES DA FFCL/FFLCH,</i>                              | 8  |
| <i>QUEM FOI ERWIN THEODOR ROSENTHAL,</i>  | 9  |
| <i>ENTREVISTA COM O PROFESSOR ERWIN THEODOR ROSENTHAL,</i>                            | 10 |
| <i>SEÇÃO DE FOTOS,</i>  | 12 |
| EVENTOS   |    |
| <i>MARILENA CHAUI HOMENAGEADA PELA FFLCH,</i>   | 13 |
| <i>SISTEMA MUNDIAL: ORIENTE E OCIDENTE A QUESTÃO DA HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA,</i> | 22 |
| <i>CULTURA CHINESA NA BIBLIOTECA CENTRAL,</i>   | 25 |
| <i>MESA REDONDA: QUESTÕES PARA A PESQUISA EM MEIO AMBIENTE,</i>                       | 26 |
| <i>VI EAGLE – ENCONTRO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO DE INGLÊS COMO LÍNGUA /ESTRANGEIRA,</i> | 26 |
| <i>VI SEMANA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA,</i>  | 26 |
| <i>SERVIÇO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO,</i>  | 27 |
| NOTÍCIAS, 25  |    |

## EDITORIAL

O Informe deste mês tem como tema a pesquisa na Universidade de São Paulo e especialmente na FFLCH, dando continuidade a uma pauta anual que tem por objetivo informar e abrir o debate sobre assuntos relevantes para a nossa vida acadêmica. E sem dúvida, a atividade de pesquisa é um dos elementos-chave nessa discussão estando presente desde o início da nossa Faculdade, conforme nos ensinaram os primeiros mestres franceses. Sendo assim, fica difícil pensar a formação dos nossos alunos dissociada dessa prática e vem daí a importância do desenvolvimento dos projetos de Iniciação Científica. Na FFLCH, essa concepção de universidade aparece com clareza nos programas implantados que contemplam alunos e professores, da Graduação ao Pós-Doutorado. Os resultados também são evidentes e aparecem na nossa produção intelectual sempre engajada nas linhas de pesquisa de vanguarda, que revelam por tradição muito da nossa inquietude intelectual. Por isso, o interesse do Informe em resgatar as idéias a respeito do assunto através de entrevistas com o Pró-Reitor de Pesquisa da USP e, também, com o Presidente da Comissão de Pesquisa da FFLCH. Além disso, no encarte sobre a produção científica iniciamos a publicação de informações sobre os projetos em andamento, com os quais pretendemos mostrar todos os meses a diversidade e a riqueza das equipes multidisciplinares e internacionais aqui constituídas. O *Espaço Memória*, por sua vez, prossegue com as fotos, entrevistas e depoimentos, dando continuidade à programação prevista para esse ano. No próximo, com certeza, virão muitas novidades na esteira das comemorações dos 70 anos, que visa primordialmente recuperar a nossa tradição intelectual a partir de cada um dos 11 Departamentos que integram a nossa Faculdade.

Eni de Mesquita Samara  
Editora

Anualmente, cabe aos Departamentos selecionar, segundo critérios autônomos, bolsistas para o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) do CNPq e para as bolsas concedidas com recursos da própria Faculdade. Este ano, nossa cota PIBIC cresceu para 110 bolsas. Somadas às 11 bolsas FFLCH e a um número expressivo de bolsistas FAPESP e PET, contamos com mais de duas dezenas de alunos de graduação bolsistas, desenvolvendo projetos sob orientação de um docente e, em muitos casos, integrando ainda atividades coletivas de estudo e pesquisa.

Não obstante as dimensões da Faculdade, de ano para ano, vimos consolidando um diálogo interdepartamental, no sentido de compartilhar preocupações quanto ao papel da IC para a formação dos estudantes e quanto à observância do mérito acadêmico na atribuição de bolsas. Temos, ainda, apoiado com sucesso a integração de trabalhos realizados por alunos que não têm bolsa, mas são formalmente orientados por um docente.

A política de apoio à participação em eventos também consegue integrar alunos de diferentes disciplinas: o exemplo mais marcante é o SIICUSP (Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP). O SIICUSP é uma ocasião privilegiada para os estudantes travarem contato com trabalhos afins, desenvolvidos em outros departamentos e unidades da USP, ou ainda, em outras universidades.

No SIICUSP de 2002, foram 299 trabalhos apresentados por alunos da Faculdade, dentre os quase 600 trabalhos da grande área de Ciências Humanas e Humanidades. Esse número elevou-se, em 2003, para 1006, testemunho da vitalidade da pesquisa nesta Faculdade, num momento em que ela volta a sediar o Simpósio (3 a 5 de novembro). Reiteramos nosso convite a que todos os alunos e professores se engajem no Simpósio e contribuam para a sua realização.

Finalmente, gostaríamos de destacar que a Comissão de Pesquisa criou a Coleção **Primeiros Estudos**, publicada pela editora Humanitas, que reúne trabalhos de IC, como resultado de trajetórias de formação. O primeiro volume (2001) reuniu trabalhos de estudantes de sociologia: *Anos 90, um olhar sobre as políticas de industrialização no Estado de São Paulo*. A coleção terá sequência este ano, cujo segundo volume terá como título "O drama da existência: estudos sobre o pensamento de Sartre", com trabalhos de estudantes de filosofia.

## EXPEDIENTE

### UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

#### REITOR:

Prof. Dr. Adolpho José Melfi

#### VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

#### DIRETOR:

Prof. Dr. Sedi Hirano

#### VICE-DIRETORA:

Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara (DH), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (SDI) - Membro assessor. COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb 35814. PROJETO GRÁFICO: Dorli Hiroko Yamaoka - MTb 35815, Erbert A. Silva - MTb 35870. DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka. COLABORADORES: Daniel Cantinelli Sevillano, Rodolfo Vianna, Stella Wilderom, Vanessa Vieira Mariano. REVISÃO: Dário Ferreira Sousa Neto. MONTAGEM: Charles de Oliveira, Marcelo Domingues. IMPRESSÃO: Gráfica - FFLCH/USP. TIRAGEM: 2000 exemplares.



## ENTREVISTA

# PESQUISA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROF. DR. LUIZ NUNES DE OLIVEIRA

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

POR RODOLFO VIANNA



**Professor, para iniciarmos nossa conversa, qual é a importância da USP no cenário científico brasileiro e internacional?**

A USP é indiscutivelmente a mais importante universidade do País. Sua atividade de ensino e disseminação da cultura gera referências para nossa sociedade e sua atividade científica é ainda mais saliente. Quem examina os indicadores de qualidade percebe que somos responsáveis por frações substanciais da boa ciência produzida no Brasil e, quem conhece os grupos que aprimoram a pesquisa em outros centros nacionais sabe que boa parte deles frequentou nossas salas de aula. Internacionalmente, ganhamos espaço ainda mais depressa. A cada ano, número crescente de trabalhos aqui desenvolvidos alcançam projeção. Há uma semana, no I Encontro de Integração dos Novos Docentes, um recém-contratado perguntou ao palestrante Leopoldo de Meis, Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre a relevância internacional da pesquisa brasileira. O Prof. de Meis citou a lista da revista Science, dos dez melhores trabalhos publicados por revistas internacionais em 2002. Pesquisadores da USP aparecem nessa lista. Dias depois, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas homenageou a Professora Marilena Chauí pelo reconhecimento internacional de seu trabalho. E há muitos outros indicadores. Cresce o número de pesquisadores da USP nos púlpitos de palestras, plenárias em congressos internacionais, nas sessões de entrega de prêmios internacionais, nas entrevistas publicadas em matutinos que atravessam fronteiras. Trabalhos aqui feitos aparecem na capa de revistas científicas que, nos anos 80, raramente aceitavam artigos redigidos no Brasil. O reconhecimento internacional focaliza idéias inovadoras resultantes de reflexão profunda e raciocínio rigoroso. Dada a diversidade de nossos interesses, não surpreende a variedade dos objetos dessas investigações – desde átomos até inquietações. Algumas se expõem ao teste experimental; outras, somente à crítica dos pares. Em comum, elas têm o brilho, o respeito à ética e o orgulho que deixam no leitor. A qualidade da nossa pesquisa cresceu. Sempre tivemos grandes docentes, mas a cada ano mais e mais resultados alcançam o padrão internacional de excelência. Houve também extraordinário avanço quantitativo, mas isso é menos importante.

**E qual é a função da Pró-reitoria de Pesquisa dentro do panorama da nossa universidade?**

Estatutariamente, a Pró-Reitoria de Pesquisa tem por objetivos promover a atividade de pesquisa e cuidar do programa de pós-doutoramento. Para cumprir tais tarefas, ela segue diretrizes do Conselho de Pesquisa, que é composto pelos Presidentes das Comissões de Pesquisa das Unidades e representantes daquelas que não têm Comissão de Pesquisa. Com as diretrizes, alinham-se numerosas atividades, que vão desde representar os interesses da comunidade de pesquisa, junto às agências de fomento e órgãos governamentais responsáveis pela política científica, até ajudar na solução de pequenos problemas dos pesquisadores. O Conselho de Pesquisa mantém um número de projetos, gerenciados pela Pró-Reitoria, que buscam atender às necessidades mais comuns. O endereço eletrônico [www.usp.br/prp](http://www.usp.br/prp) traz informação sobre todos eles. Cito como ilustrações o *Projeto 1*, que concede recursos complementares ao pesquisador que recebe auxílio de agências de fomento, e o *Projeto 5*, que financia seminários organizados pelas Comissões de Pesquisa. A mais importante função da Pró-Reitoria, porém, é ouvir a comunidade e discutir com ela os problemas que cercam a atividade de pesquisa, bem como os rumos que gostaríamos de tomar. Para isso, ela vale-se de um plano de comunicação que inclui diálogo freqüente com os pesquisadores. Individualmente ou em grupo, face a face, por telefone ou correio eletrônico, entre dez e vinte pesquisadores (docentes, estudantes e servidores técnicos) são atendidos diariamente. As preocupações, queixas e comentários assim recebidos são convertidas em sugestões que tanto são levadas às sessões do Conselho de Pesquisa como servem de base para palestras nas Unidades.

**É clara a dificuldade para obtenção de financiamento para pesquisa em todo o país. Assim, como se dá o fomento das atividades científicas dentro da USP?**

O custeio das atividades de pesquisa provém, majoritariamente, das agências de fomento. Por isso, duas divisões são necessárias, já que a história dos auxílios é diferente da das bolsas e já que São Paulo se distingue dos demais Estados. *Auxílios*. Na década de 90, a contribuição federal não chegou a ser insignificante, mas foi desproporcional à demanda e desembolsada erráticamente. No final da década, o Ministério de Ciência

e Tecnologia conseguiu que o Congresso Nacional aprovasse um sistema sustentável de fomento, alimentado por fundos setoriais. Como a implementação e o aperfeiçoamento desse plano têm sido bloqueados por mensagens redigidas pelos ministérios da área econômica, o fluxo de caixa das agências federais de fomento continua com o desempenho da década anterior. Em São Paulo, ao longo da década de 90, a regularidade dos pagamentos à FAPESP garantiu aprovação a todos os pedidos de auxílio aprovados no mérito. Ano passado, a combinação do crescimento do sistema de pesquisa com a desvalorização do Real provocou desequilíbrio entre as receitas e os gastos da agência, exigindo que o Conselho Superior da Fundação estabelecesse medidas emergenciais que surpreenderam nossa comunidade e que permanecem em vigor. *Bolsas*. Esta componente do fomento recebeu mais atenção do sistema federal. Até meados da década de 90, a oferta da CAPES e do CNPq bastou para sustentar o crescimento da pós-graduação. Na segunda metade da década, a FAPESP teve de assinar um número cada vez maior de concessões para manter aquela expansão. Nesse período, ao invés de ampliar sua participação para premiar esse esforço, os órgãos federais aproveitaram o entusiasmo com que a ação da agência estadual foi recebida para transferir parte expressiva de suas quotas para outros Estados. Com isso, a crise financeira da FAPESP alcançou o balcão de concessão de bolsas antes de atingir os auxílios. As amargas medidas de contenção do Conselho Superior estão reestabelecendo o equilíbrio nos cofres da Fundação. Passada a emergência, será necessário um plano de longo prazo para que ela adapte seus procedimentos à nova posição, e nossa comunidade deve estar preparada para participar da construção desse projeto. No plano federal, a esperança é que a Presidência da República tenha consciência de que o Brasil tem várias dimensões, o eixo que começa no índice da FIPE e acaba na taxa Selic, sendo apenas uma delas. A exploração das demais depende de um sistema de Ciência e Tecnologia bem estruturado.

**O senhor acredita na parceria da universidade com a iniciativa privada? Há como conciliar interesses, sem sobreposição ou distorções no caráter público da nossa instituição?**

Relatórios finais do Grupo de Trabalho que, ao longo do primeiro semestre, discutiu o tema Fundações observam que muitas Unidades precisam da cooperação com a iniciativa privada e com outros setores da sociedade para cumprir seus projetos acadêmicos. Essa conclusão foi aceita por unanimidade em uma das últimas reuniões daquele grupo, que contou com representantes de todos os setores de nossa comunidade. Não pude votar naquela ocasião; se pudesse,

teria participado do consenso. Se um engenheiro precisa estudar o comportamento dos dutos que conduzem o petróleo do fundo do oceano até uma plataforma, como poderá fazer isso sem colaborar com a Petrobras? O que se discute é a melhor forma de se organizar a colaboração, e para isso, o GT Fundações deu valiosa contribuição ao proclamar, um princípio de subordinação, segundo o qual a cooperação só se justifica se tiver origem no projeto acadêmico da Unidade que a promove e enquanto servir aos propósitos daquele projeto. A preservação desse princípio e o respeito à ética impõem vínculos que ninguém pode ignorar. A Universidade não pode, por outro lado, confundir tais restrições com um fosso intransponível, sob pena de romper o compromisso que tem com a execução de um projeto acadêmico afinado com sua missão de engrandecer os horizontes dos estudantes.

**Quais são os principais projetos da Pró-reitoria de Pesquisa para os próximos anos?**

Para não ocupar muito espaço, vou mencionar apenas um projeto, ainda em implantação, que visa ampliar o diálogo entre os grupos de pesquisa da USP e os três setores externos. Uma comissão formada pelo Conselho de Pesquisa para propor medidas com esse fim já está coletando dados sobre a experiência de nossos grupos de pesquisa para identificar as áreas que merecem maior atenção. Esse trabalho deve resultar em discussões com representantes de organizações externas, definição de projetos de cooperação e seminários para divulgação e discussão das propostas com a comunidade universitária.

**Na opinião do senhor, qual a causa para a concentração de 90% de toda pesquisa científica do país nas universidades públicas, as estaduais e federais, segundo dados do CNPq?**

No ambiente instável da economia brasileira, a maioria das empresas privadas, incluindo as instituições de ensino, encontram abrigo em uma contabilidade de curto prazo, que cobre as despesas que um departamento gera hoje com o faturamento de ontem da mesma divisão. Investimentos em pesquisa, que não se enquadram nesse sistema, só são considerados nas outras empresas, as dispostas a assumir riscos de longo prazo. Estas em geral preferem trabalhar em terreno conhecido e descartam a alternativa de investir em pessoal e equipamento de laboratório. Sobram algumas poucas empresas que combinam disposição para esperar anos por retornos incertos com conhecimento da atividade de pesquisa. Descontadas estas, que respondem por 10% da atividade, a pesquisa se concentra nas universidades e instituições públicas de pesquisa.

**O senhor acredita que a proposta de reforma da Previdência**

cia, PEC-40, possa trazer prejuízo para a produção de pesquisas nessas universidades, ocorrendo a saída de cientistas e também a possibilidade de falta de estímulos e garantias para o ingresso de novos?

Sim, e uma previsão dos prejuízos já foi feita no artigo assinado pelos Reitores das três Universidades Estaduais Paulistas que O Estado de São Paulo publicou. Estimativa mais precisa que aquela só poderá ser feita após a discussão da matéria no Senado. Mais que os prejuízos a que a questão se refere, preocupa a ligeireza com que Presidência e Câmara descartaram princípios que toda a sociedade valoriza para se apegar a uma noção de R\$ 1,99, a percepção de que é bom para o Brasil o que é bom para o Tesouro. Devemos lutar contra a reaparição desse lema nos jornais, porque é tão fácil quanto angustiante prever a devastação que ele causará, cada vez que for aplicado.

**Informação e tecnologia são as duas maiores riquezas atualmente. Assim, como o senhor acredita que deveria ser a política científica tanto dentro da própria USP, como também nas esferas estadual e nacional?**

Como está implícito na pergunta, informação e tecnologia não são bens ao alcance de todos. Só a Educação dá acesso a eles. A política universitária de pesquisa deve estar atenta a essa dependência. Não será a intervenção direta da universidade nas linhas de montagem que promoverá o desenvolvimento tecnológico do País, nem será por meio dos microcomputadores dos docentes que a nação terá acesso à informação. Antes, para que as empresas e organizações públicas nacionais adquiram a base tecnológica de que necessitam, nosso dever é formar estudantes preparados e motivados para conduzirem

a mudança. Para isso, precisamos dialogar mais com os setores externos, para entender suas dificuldades. Temos, além disso, de estimular a formação de núcleos de pesquisa integrada, combinando em projetos de interesse da sociedade, pesquisadores dedicados à ciência básica com outros experientes em aplicações. Já temos alguns exemplos com essa configuração e excelentes resultados; precisamos de mais. E só não temos mais porque os sistemas estadual e federal de fomento, desenhados para atender ao pequeno laboratório, servem mal a esforços integrados.

**Para finalizarmos a nossa entrevista, o senhor acredita que, no Brasil, sobra criatividade e falta recurso? Ainda há uma grande potencialidade científica a ser explorada, faltando somente o financiamento?**

A pesquisa, científica ou tecnológica, exige mais do que criatividade: precisa de infraestrutura, material, bibliotecas, pessoal, troca de idéias com parceiros e outros pesquisadores, entre outros insumos. Na falta de elementos essenciais, o próprio pensamento fica restrito e a criatividade, sufocada. Onde faltam recursos, a criatividade não prospera. Os extraordinários crescimentos da pós-graduação e da qualidade da produção científica brasileira mostram que, se não for confinado, o sistema continuará em expansão, e haverá mais criatividade. O MCT quer formar 10.000 doutores em 2006. Para que se cumpra, inercialmente, essa meta, basta que o governo federal desista de manter congelados os valores das bolsas e de reduzir o fomento nas Regiões Sul e Sudeste e que invista em Ciência e Tecnologia os fundos setoriais. Nosso desafio não é fazer crescer o sistema científico ou aprimorar sua qualidade. É pôr os diplomas universitários a serviço dos interesses maiores da nação.



## ESPAÇO MEMÓRIA

### *APRESENTAÇÃO SOBRE A FFLCH/USP*

ENI DE MESQUITA SAMARA

A FFLCH é uma das 35 unidades que compõem a USP e ocupa a cadeira de nº 1 no Conselho Universitário, o que mostra a importância do seu lugar na história da nossa universidade.

Foi fundada pelo Decreto-Lei nº 6283 em 25/01/1934 e, oficialmente, chamou-se Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Com a reforma universitária de 1969/70, os cursos de Física, Química, Matemática e Estatística, Biociências, Geociências, Psicologia e Educação separaram-se do conjun-

to inicial e passaram a constituir Institutos e Faculdades autônomas.

No entanto, apesar desse desmembramento ocorrido há mais de 30 anos, verificamos que a nossa Faculdade cresceu e continua sendo o principal centro para o desenvolvimento da pesquisa e formação de recursos humanos na área das humanidades. Esse reconhecimento extrapola os muros da USP e, com certeza, é uma referência nos padrões inter-

nacionais, o que é comprovado pela seriedade da reflexão acadêmica que aqui é produzida.

Preocupados com a manutenção do ensino de qualidade nas universidades públicas, os 11 Departamentos que integram a nossa unidade (Departamento de Antropologia, de Ciência Política; de Sociologia; de Filosofia; de Geografia; de História; de Linguística; de Letras Clássicas e Vernáculas; de Letras Modernas; de Línguas Orientais; de Teoria Literária e Literatura Comparada), contam com inúmeros serviços de apoio aos alunos e professores, bibliotecas, cursos de extensão e serviço de divulgação (editora Humanitas, portal da FFLCH e Informe).

Dos 12.000 alunos, 8.700 estão regularmente matriculados na graduação e os demais, junto aos diversos programas de pós, muitos deles considerados também como áreas de excelência pela CAPES.

Isso significa que, desde as primeiras teses de doutorado defendidas em 1942, sob inspiração ou mesmo orientação direta de professores estrangeiros (franceses, italianos, alemães e portugueses), houve uma preocupação constante com o rigor intelectual, marca que define desde então o lugar da nossa produção científica.

E foi com vistas ao padrão de excelência pretendido pelos que nos precederam, que a FFLCH desenvolveu uma história própria na USP. História essa que se desdobra em acontecimentos marcantes, que revelam muito da nossa inquietação intelectual e respeito à cidadania.

É com essa tradição que em 2004, fazemos 70 anos que merecem ser comemorados. Por isso criamos em 2003 o Espaço Memória do Boletim Informe, iniciando assim, o resgate da nossa história intelectual, tarefa que será desenvolvida através de inúmeras atividades no decorrer do próximo ano.



**ANTIGA FACHADA DA FACULDADE DE MEDICINA, NA AVENIDA DR. ARNALDO, QUE ESTÁ NO FILME SOBRE OS CINQUENTA ANOS DA USP**

Prédio da Faculdade de Medicina onde se alojaram a partir de 1934 as seções de:

Filosofia,  
Ciências Sociais,  
Geografia  
História  
Línguas e Literaturas

**ESCOLA POLITÉCNICA**

Local onde funcionaram a partir de 1934 as seções de:

Matemática  
Física





### **ESCOLA NORMAL CAETANO DE CAMPOS**

A FFCL a partir de 1938 passou a ocupar o 3º andar da Escola Normal Caetano de Campos que alojou as seções de:

Letras  
Filosofia  
Geografia  
História  
Ciências Sociais  
Pedagogia

### **PALACETE JORGE STREET (SEDE PRINCIPAL)**

Antiga residência do industrial Jorge Street, pertencente a Companhia Sul América, que foi adquirida em 1938 pelo governador Cardoso de Melo Neto para instalação das seções:

História Natural  
Química



### **MARIA ANTONIA**

Prédio adquirido do antigo Liceu Rio Branco onde a partir de 1949 passaram a funcionar as seções de:

História Natural  
Química  
Letras  
Filosofia  
Geografia  
Ciências Sociais  
Pedagogia  
Psicologia



### **1ª TURMA – 1936**

Relação dos Formandos da Turma de 1936 (a partir da esquerda) – Antonio Henriques Pinto, Amélio Guariento, Astrogildo Rodrigues de Mello, Eurípedes Simões de Paula, João Cruz Costa, Rosendo Sampaio Garcia, Nelson Camargo, João Dias da Silveira, Oswaldo Ferraz Alvim, Júlio Rabin, Raul Ferraz Mesquita, Adélia Dranger, Francisco Rodrigues Leite, Cândido Silva Dias, Júlio de Mesquita Filho (Paraninfo), Mário Schenberg, Ofélia Ferraz do Amaral, João Barros Souza Aranha, Afonso Antonio Rocco, Décio Ferraz Alvim, Nicanor Miranda, Carmelo Damato, Lívio Teixeira e José de Oliveira Orlandi

## *BREVE HISTÓRICO SOBRE OS DIRETORES DA FFCL/FFLCH*

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

A partir do mês de outubro, o Informe publicará, no Espaço Memória da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, entrevistas realizadas com os antigos Diretores da Faculdade. No total, serão publicadas 5 entrevistas, na ordem cronológica dos mandatos: no número de setembro/outubro, o prof. Erwin Theodor Rosenthal, Diretor de 1977 a 1981; em novembro, o prof. João Baptista Borges Pereira, Diretor de 1985 a 1989 e de 1994 a 1998; em dezembro, o prof. João Alexandre Barbosa, Diretor de 1989 a 1990; em janeiro, o prof. Adilson Avansi de Abreu, Diretor de 1990 a 1994; e em fevereiro, o Prof. Francis Henrik Aubert, Diretor de 1998 a 2002.

Perto de completar seus 70 anos, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas teve, desde 1934 até os dias de hoje, 19 Diretores, sendo 12 deles Diretores da FFCL, e 8 Diretores da FFLCH, como nós a conhecemos hoje. O professor Eurípedes Simões de Paula foi o único a dirigir tanto a FFCL como a FFLCH.

O primeiro Diretor da Faculdade foi o prof. Theodoro Augusto Ramos, matemático da Escola Politécnica, encarregado de viajar para a Europa e trazer para a USP os professores estrangeiros nas chamadas Missões Francesa e Italiana. O prof. Theodoro, no entanto, permaneceu pouco tempo no cargo, sendo então



substituído pelo prof. Antonio de Almeida Prado, da Faculdade de Medicina, ainda no ano de 1934.

No período de 1934 até 1969, ano da Reforma Universitária que dividiu a FFCL em FFLCH e outros institutos (IME, IP, IF, IQ, IB, IG, FE), os Diretores estavam assim divididos: 5 deles eram de outras unidades (Theodoro Augusto Ramos e Luiz R. Anhaia Mello da EP; Antonio de Almeida Prado e Ernesto de Souza Campos, da FM; e Alexandre Correa, da Faculdade de Direito) e 7 eram da própria Faculdade. Desses, 3 eram do curso de História (os professores Alfredo Ellis Junior, Astrogildo R. Mello e Eurípedes Simões de Paula), um da Sociologia (o prof. Fernando de Azevedo) e três da Biologia (Paulo Sawaya, André Dreyfuss e Mário Guimarães Ferri).

O prof. Eurípedes, que era Diretor quando a FFCL foi dividida, continuou como Diretor da nova unidade, a FFLCH. Em 1972, assume a Diretoria o prof. Eduardo d'Oliveira França, professor do departamento de História. No entanto, o prof. França não terminou seu mandato, devido a divergências com o governo militar, deixando o cargo em 1974. Nesse ano, assume pela terceira vez o prof. Eurípedes, que, infelizmente, faleceu em 1977, vítima de um atropelamento. Em dezembro, assume o prof. Erwin Theodor Rosenthal, da área de alemão do Departamento de Letras Moder-

nas, que permanece no cargo até o final de 1981.

Em 1982, o prof. Ruy Coelho, do Departamento de Ciências Sociais (que no futuro se desmembrou e deu origem aos departamentos de Antropologia, Ciência Política e Sociologia) torna-se Diretor, permanecendo no cargo até 1984, ano de sua aposentadoria. Assume em 1985 o prof. João Baptista Borges Pereira, também do departamento de Ciências Sociais, permanecendo no cargo até 1989, ano em que o prof. João Alexandre Barbosa, professor de teoria literária, se torna Diretor. O prof. João Alexandre ficou apenas um ano no cargo, pois, logo em seguida, assumiu a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, na gestão do Reitor Roberto Leal Lobo e Silva Filho. Com a saída do prof. João Alexandre, assume a Diretoria o Vice-Diretor, o prof. Adilson Avansi de Abreu, atual Pró-Reitor de Cultura da USP, do Departamento de Geografia, que permanece no cargo até 1994.

Em 1994, o prof. João Baptista assume a Diretoria pela segunda vez, permanecendo no cargo até 1998, quando o prof. Francis Henrik Aubert, Vice-Diretor e professor do Departamento de Letras Modernas, assume o cargo até 2002. Nesse ano, o prof. Sedi Hirano, do Departamento de Sociologia, torna-se o vigésimo Diretor da FFLCH.

## QUEM FOI ERWIN THEODOR ROSENTHAL

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

O professor Erwin Theodor Rosenthal, Diretor da FFLCH entre 1977 e 1981, é formado em Letras Anglo-Germânicas pela FFCL. Antes de tornar-se professor da USP, militou no jornalismo paulista entre os anos de 1947 e 1958, como repórter do vespertino "A Gazeta" e da revista "Visão". Desde 1959, foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis até 1962, quando retornou para a FFCL/USP. Defendeu sua tese de doutoramento em 1953, a Livre-Docência em 1960 e prestou o concurso para a cadeira de Língua Alemã em 1964, após o falecimento do catedrático da cadeira, prof. Pedro de Almeida Moura.

Além de Diretor, foi Vice-Diretor da FFCL por dois momentos: entre 1967 e 1969, momento em que permaneceu grande parte do tempo como Vice-Diretor em Exercício da Diretoria, pois o Diretor, prof. Mário Guimarães Ferri encontrava-se no exercício da Reitoria; e entre 1974 e 1977. Fora da FFLCH, foi Vice-Diretor da Escola de Comunicações e Artes e Coordenador de Atividades Culturais da USP.

Foi Professor-Visitante das Universidades de Lisboa, Co-

lônia e Berlim. Após sua aposentadoria, em 1984, exerceu atividades na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, durante a gestão do prefeito Jânio Quadros, e foi eleito para a Academia Paulista de Letras em 1985, sendo atualmente seu Presidente.

Na Academia, conseguiu verbas para a informatização da Biblioteca e para a criação de um concurso anual de escritores.



Professor Erwin Theodor Rosenthal, Diretor da FFLCH entre 1977 e 1981

# *ENTREVISTA COM O PROFESSOR ERWIN THEODOR ROSENTHAL, DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS ENTRE 1977 E 1981.*

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

**Daniel Cantinelli Sevillano:** Professor, eu gostaria que o senhor me falasse um pouco de sua formação acadêmica.

**Erwin Theodor Rosenthal:** Eu sou formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1949, bacharel, e em 1950, licenciado. Fiz o que na época eram chamadas letras anglo-germânicas e sou, por causa disso, oficialmente autorizado a lecionar inglês, alemão e latim. Tivemos naquela época História medieval, português e literatura portuguesa. Literatura brasileira não foi dada como matéria obrigatória.

**DCS:** Como era a faculdade quando o senhor foi aluno?

**ETR:** Quando fui aluno, as aulas eram no prédio da Praça da República, onde hoje está a Secretaria de Educação. Nós éramos relativamente poucos, com todos os departamentos de humanas alojados no 3º andar daquele edifício. Os alunos de letras tinham aulas pela manhã; éramos 3 departamentos: letras anglo-germânicas; neolatinas; e clássicas e vernáculas. À tarde, eram as aulas dos cursos de ciências sociais, filosofia, história e geografia.

Ao todo, na minha classe, o que hoje são as disciplinas, não tínhamos mais que 20, 22 alunos, quase todas moças; na minha classe, éramos 3 homens. Já nos cursos vespertinos o número de homens era maior que o de mulheres. Além das salas de aula, a sede do Grêmio da Faculdade se encontrava no prédio, além de uma sala de leitura para os alunos.

**DCS:** Em que o ano o senhor virou titular?

**ETR:** Fiz meu concurso para titular em 1964.

**DCS:** E quando o senhor assumiu a Vice-Diretoria?

**ETR:** Primeiramente, eu fui eleito em 1965, para minha surpresa, para o Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade, dirigido pelo professor Mário Guimarães Ferri, e integrado por professores de todas as áreas da Faculdade. Havia o professor de matemática, quase um gênio se me permite dizer, Cândido Lima da Silva Dias; o professor de Química, Pachcoal Senise; o professor Oscar Sala, da Física; e o professor Eurípedes Simões de Paula, nosso decano e tantas vezes Diretor.

No ano de 1967, foi formada uma lista com 3 nomes para Vice-Diretor, e até brincavam que eram os 3 "E", porque ela era

formada pelo professor Eurípedes, pelo professor Egon Schaden, catedrático de Antropologia, e eu. Não sei porque, fui escolhido pelo professor Mário Guimarães Ferri, a quem substituí logo no meu 2º dia como vice, e fiquei dirigindo a faculdade como Vice em exercício até fins de 1968.

**DCS:** Quais os fatos mais marcantes dessa sua gestão como vice?

**ETR:** Bem, no dia em que eu assumi, eu me deparei com o problema dos excedentes, um problema que já existia há bastante tempo. Naquela época a USP e a FFCL tinham menos vagas do que hoje. Nós estávamos na Maria Antônia, tínhamos dois prédios lá, e não havia possibilidade de aumentar o número de alunos porque nós não conseguíamos verbas para a contratação de novos docentes. Daí os chamados excedentes, um grupo de pessoas que haviam conseguido notas suficientes para entrar na USP, mas que não se tornaram alunos dada à falta de vagas. Isso foi um momento terrível, porque a entrada da Maria Antônia era impedida ou dificultada, as pessoas dormiam ali na frente para fazer demonstrações, levavam faixas e cartazes, pressionavam a Diretoria, a Reitoria e o Governo da maneira que eles podiam.

Os fatos mais marcantes, porém, foram o controle do prédio pela União Estadual dos Estudantes (UEE) e pelos partidos políticos ligados a ela, e a reação inopinada e infeliz do grupo ligado ao Mackenzie, o Comando de Caça aos Comunistas, CCC. A partir daí se desenvolveu uma verdadeira guerra na Maria Antônia. Acontece que eu era o Vice-Diretor em exercício da Faculdade, e estava dentro do prédio quando vi gente do lado de lá da rua lançando coquetéis molotov na Filosofia e vi gente no nosso lado andando armada. Nisso um estudante foi morto. Tentou-se forçar os portões da Faculdade, e eu fui obrigado a chamar o Corpo de Bombeiros, o que resultou na invasão do prédio, à noite e sem aviso prévio, por parte da polícia. Como disse, eu estava na sala da Diretoria naquele momento, junto com o secretário da Diretoria, o Eduardo Marques da Silva Ayrosa, e nós dois tivemos que sair pelo telhado, pelo prédio ao lado.

**DCS: E como se deu essa mudança forçada para a cidade universitária?**

**ETR:** Nós conseguimos permissão para mudar algumas coisas da Maria Antônia para a Cidade Universitária e o professor Eurípedes, chefe da História e que dirigia o prédio da História e Geografia, que hoje leva seu nome, nos alojou provisoriamente naquele prédio, em cubículos, e às pressas foram arranjados alojamentos, que nós chamávamos de barracões, no espaço onde hoje fica o Instituto de Psicologia. Naquela época, as instalações eram totalmente inadequadas, era impossível dar uma aula sem que os alunos da sala ao lado ouvissem.

**DCS: O professor Antonio Candido disse que o professor falava numa sala e era ouvido na sala ao lado.**

**ETR:** E às vezes se escutava mais claramente o professor da outra sala do que o da própria. Foi uma época muito difícil para a faculdade, com os ânimos exacerbados pela situação político-econômica; sem meios para se proporcionar o tempo integral para os professores; e com descontentamento geral. E eram coisas que não dependiam do Diretor nem do Reitor; a verdade é que os poderes públicos não davam valor para a USP.

**DCS: Professor, eu gostaria que o senhor me contasse sobre a saída do professor Eduardo D'Oliveira França da Diretoria.**

**DCS:** Eu era Vice do professor França, e um dia eu estava em casa, se bem me lembro uma terça-feira, e iria para a Faculdade à tarde, para participar do Conselho de Departamentos, às 15:00 horas. Por volta de meio dia e meia, recebi um telefonema do professor França, que me disse para eu ir para a Faculdade aquele dia que nós tínhamos Conselho. Eu respondi que estaria lá, mas ele me disse para ir mais cedo, porque eu ia presidir o Conselho. Eu perguntei por que ele não estaria lá, e o professor França me respondeu que estava no quartel e que não podia sair de lá naquele momento.

Cheguei à Faculdade, ao Conselho, e nós conversamos sobre a situação, até que chegou alguém na sala onde estávamos reunidos e disse que o prof. França estava preso. Aí o prof. Oswaldo Porchat, do departamento de Filosofia, disse que tínhamos que nos rebelar, ao que eu respondi que aquilo tinha que ser confirmado, pois era uma notícia nova. Eu então fui até a Reitoria conversar com o Reitor, que na época era o prof. Orlando Marques de Paiva, da FMVZ, e o professor, além de ser um homem tranquilo, era muito bom de papo, sempre falava muito.

Quando cheguei ao Gabinete do Reitor, havia 5 ou 6 professores na minha frente para falar com ele. Eu lhes disse que não tinha nada para falar com o prof. Marques, eu só tinha uma pergunta para fazer para ele, e que ele respondendo sim ou

não, eu iria embora. E um dos professores, que eu conhecia bastante, o prof. Francisco Camargo, que havia sido das Ciências Sociais mas na época dirigia a Faculdade de Economia, olhou para mim e disse: "Você acha que ele vai dizer sim ou não? Ele vai dizer talvez".

Quando eu voltei para a Diretoria, o prof. Porchat tinha recebido a notícia de que o prof. França estava em casa. Após esse incidente o prof. França foi impedido de continuar como Diretor da FFLCH. Depois de 15 dias, de acordo com o Regimento da época, realizou-se a eleição para Diretor, e o prof. Eurípedes foi eleito novamente, e eu continuei como Vice-Diretor.

**DCS: E o senhor assumiu a Diretoria quando o prof. Eurípedes faleceu?**

**ETR:** Exato, quando o prof. Eurípedes faleceu, em consequência de um acidente totalmente estúpido. Foi na época em que mudaram os ônibus de direção, em que eles trafegavam pelo contra-fluxo. Ele atravessou a Consolação para ir até a Varig devolver uma passagem que não iria utilizar, quando foi atropelado por um ônibus.

**DCS: E como a Faculdade reagiu a essa fatalidade?**

**ETR:** O prof. Eurípedes era querido por todos nós. Foi numa sexta-feira, na hora do almoço. Isso eu me lembro muito bem, foi no dia 17 de novembro de 1977. Eu estava numa reunião do Conselho do suplemento Cultura do jornal O Estado de São Paulo. Nós estávamos numa reunião, que nós sempre fazíamos às sextas-feiras para a semana seguinte, quando recebi um telefonema dizendo que eu precisava ir até a Diretoria, eu perguntei onde estava o prof. Eurípedes, e aí eu fiquei sabendo que ele havia sido atropelado. Foi um choque, e o professor veio a falecer três ou quatro dias depois.

Como eu era Vice, fiquei alguns dias respondendo pela Diretoria, num ambiente chocado pela morte de um professor admirado por todos, um homem que irradiava simpatia. Ele foi velado na Faculdade, houve o enterro, e só depois se pensou em eleições.

**DCS: Houve alguma disputa?**

**ETR:** Éramos 5 candidatos, e no 1º lugar estávamos Pasquale Petrone e eu. Mandamos a lista para o Vice-Reitor em Exercício, prof. Josué Camargo Mendes, que me escolheu.

**DCS: Como foi o período em que o senhor foi Diretor?**

**ETR:** Bem, foi um período bem menos conturbado do que a época em que eu fui Vice-Diretor na década de 60. Eu tive um Vice que era muito amigo meu, cuja morte eu lastimei quase que diariamente, o prof. Paulo Vizioli, da área de Inglês, que me ajudou muito.

Na época eu tentei, e ousei dizer consegui, aumentar o número de publicações da Faculdade; e consegui estender o tempo integral para a maioria das pessoas que desejavam, dentro do permitido pelo orçamento. O tempo integral era uma condição indispensável para a Filosofia, porque os professores da Faculdade de Direito e da Faculdade de Medicina, por exemplo, são profissionais que têm condições de aumentar seu salário em clínicas, escritórios. Nós não tínhamos isso, daí o tempo integral ser fundamental para nós.

Com a ajuda do então Reitor, o prof. Waldyr Muniz Oliva, eu consegui integrar a Comissão de Orçamento e Patrimônio, uma comissão do Conselho Universitário que discutia com o Secretário do Governo o orçamento da USP. Graças a isso, eu tive meios de conseguir uma verba maior para a Faculdade. Houve vários conflitos na época, mas foi com certeza uma gestão bem menos conturbada do que a anterior.

**DCS: O senhor se lembra de algum movimento estudantil da época?**

**ETR:** Eu me lembro de várias manifestações que começaram na História. Houve uma agressão violenta à Reitoria, tanto que o Reitor foi impedido de entrar na Reitoria. E uma vez o Conselho Universitário teve que se reunir no Museu do Ipiranga, por causa de segurança.

Na 1ª gestão (1966-1968) a que me referi, houve um problema terrível com o Reitor Ferri, quando colocaram uma bomba no elevador privativo durante uma reunião à noite, no prédio da Antiga Reitoria. Felizmente, o prof. Ferri não estava no elevador quando a bomba explodiu.

**DCS: E até que ano o senhor foi Diretor?**

**ETR:** Até 1981, e eu deixei o cargo no mesmo dia, 19 de dezembro, e mesma hora em que eu havia assumido em 1977. O prof. Ruy Coelho, já falecido, foi quem me substituiu na Diretoria. Era um homem que tinha um grande conhecimento, especialmente de literatura e sociologia, tanto que ele dava um curso chamado Sociologia e Literatura. Apenas não era um homem talhado para ser Diretor, e ficou muito contente por poder deixar o cargo e ir para a Europa, e então ele foi substituído pelo prof. João Baptista Borges Pereira, seu opositor na eleição em que o Ruy havia sido eleito.

**DCS: Quando o senhor se aposentou?**

**ETR:** Eu me aposentei em 1984, e antes disso fui Coordenador de Atividades Culturais da USP.

**DCS: O senhor tem acompanhado a Faculdade após sua aposentadoria?**

**ETR:** Durante um ou dois anos eu dei cursos de pós-graduação, fui chamado por outros departamentos para integrar bancas, mas depois, sem quaisquer méritos meus, fui eleito para a Academia Paulista de Letras (APL), e embora não haja nada obrigando os membros a se dedicarem exclusivamente à Academia, quando vi o arquivo e a biblioteca da APL, me pus na cabeça que eu tinha que organizar tudo aquilo. Vou a academia duas ou três vezes por semana, agora que sou presidente.

E graças a uma doação do acadêmico Antonio Ermírio de Moraes conseguimos a informatização da biblioteca.

## SEÇÃO DE FOTOS

### ***Participe da seção:***

mande uma carta para o SDI (prédio da administração – sala 121) ou e-mail (di@usp.br) dizendo quem é a pessoa da foto da edição de setembro/outubro do INFORME.



Professor Aposentado  
do Departamento de Letras  
Clássicas e Vernáculas



Professor Francisco Capuano  
Scarlato – DG

## EVENTOS

### MARILENA CHAÚÍ HOMENAGEADA PELA FFLCH

POR RODOLFO VIANNA



O auditório da História completamente repleto de professores, alunos e funcionários. Inúmeros reencontros de gerações que construíram a Faculdade de Filosofia, em meio ao burburinho, flashes, cumprimentos e lembranças.

À porta, ela, a homenageada, recebia a todos com grande satisfação e inúmeros agradecimentos. Emocionava-se ao ver rostos que há muito não encontrava ou mesmo tão significativos para ela, cuja presença trazia grande emoção. Do lado de fora do auditório, um telão fora montado para aqueles que não mais puderam acompanhar ao vivo a cerimônia em homenagem à professora doutora *honoris causa* pela Universidade de Paris 8 (Vincennes, Saint-Denis).

À mesa, quinze cadeiras ocupadas por nomes que prestaram suas considerações à professora Chauí. Por ordem: Selma Garrido, Diretora da Faculdade de Educação, o senador Eduardo Suplicy, os Professores Eméritos Oswaldo Porchat, Bento Prado Jr. e Antonio Candido, o Adido cultural do consulado da França, Jean-Paul Rebaud, o Consul-geral da França, Jean-Marc Laforet, o Pró-reitor de Cultura e Extensão Adilson Avansi de Abreu, representando o Reitor, a própria Marilena Chauí, o Diretor Sedi Hirano, o Pró-reitor de Pesquisa Luís Nunes de Oliveira, Carlos Vogt, presidente da FAPESP, a professora Andreia Loparick, representando o Departamento de Filosofia, Jorge da Cunha Lima, presidente da Fundação Padre Anchieta e Luiz Werneck Vianna, presidente da ANPOCS.

O Diretor da FFLCH saudou-a, lembrando da formação da professora, desde a infância até a faculdade, utilizando-se de depoimentos de Chauí. O professor Sedi Hirano disse que ela, ao ler bem jovem *Introdução à Psicanálise*, percebeu que "seu problema não era com Deus, mas sim com o superego". Marilena riu, assim como todo o auditório. Ao ler *Socialismo Utópico e Socialismo Científico*, de Marx e Engels, continuou o professor, ela desistiu de ser uma freira missionária que percorreria o mundo como uma heroína contra a injustiça, pois não seria o cristianismo que traria a igualdade social.

Antes de dar a voz ao Pró-reitor Adilson Avansi de Abreu, a mestre-de-cerimônia Stella Wilderom leu cartas de sauda-

ção enviadas. Entre os remetentes, o presidente Lula, a prefeita Marta Suplicy, os ministros José Dirceu, Luis Dulce, a deputada federal Luiza Erundina, o porta-voz da Presidência da República e professor da Faculdade André Singer, entre outros. O presidente Lula escreveu que, em mais de vinte anos de convivência com Marilena, tornou-se seu discípulo. Atenta, ouvia as palavras daqueles que, parceiros de partido, hoje estão em Brasília.

O Pró-reitor Adilson Avansi de Abreu, representando o Reitor, ressaltou a importância do título dado pela universidade francesa, sendo uma comemoração dos 70 anos de parceria entre a USP e a França. Para o senador Suplicy, Marilena foi sempre uma pessoa com a qual se consultou quando esteve diante de dilemas, que foram muitos nos anos de sua convivência com ela. E expôs mais uma situação, "que era para falar em particular, mas resolvi falar também para meus amigos presentes" disse, citando a situação constrangedora da indicação de Luís Otávio, senador pelo PMDB do Pará e envolvido em fraudes, para o Tribunal de Contas da União. "Eu votei contra, mas o fato é que foram 25 a favor, um contra e uma abstenção", confessou.

Dando seqüência à cerimônia, cujo público só aumentava a cada momento, foram lidas as traduções dos discursos feitos na Universidade de Paris 8 no momento de entrega do título doutora *honoris causa*. O Centro Acadêmico João Cruz Costa (conhecido como CAF), do curso de Filosofia, fez-se representar por meio de um texto lido pelo aluno José Luís Neves, no qual foi ressaltada a importância da professora Chauí, tanto na sua parte de docente, como também na de lutadora ao lado dos alunos nas questões que envolvem a qualidade da Universidade e também o seu caráter Público. Marilena emocionou-se.

Bento Prado Júnior, Professor Emérito da FFLCH, lembrou do seu tempo de professor da caloura Marilena Chauí, e contou que um dia, voltando para casa, comentou com sua mulher "tem uma mocinha, no primeiro ano, que é filósofa". A mocinha em questão é hoje a jovem Marilena. O presidente da FAPESP, Carlos Vogt, também manifestou sua admiração, lembrando dos muitos projetos que a professora tem junto à entidade que preside.

Quem também estava presente, sentada na primeira fila – como não poderia ser diferente – era a Dona Laura, mãe de Marilena. Quando perguntada como se sentia ao ver que tinha vencido o jogo, uma vez que sempre fizera suas apostas na

filha, soltou uma larga risada e disse: “só se aposta quando você acredita”.

Longa era a fila das pessoas que queriam cumprimentar a homenageada ao final da cerimônia, assim como inúmeros eram os sorrisos, abraços e fotos. Os netos de Marilena corriam pelo auditório, abraçavam a avó muitas vezes – sempre entusiasticamente correspondidos por ela. Os mais tímidos esperavam diminuir a fila e o burburinho para cumprimentá-la, como a aluna de Letras que vibrara com o discurso de Chauí (que segue transcrito na íntegra).

Depois de mais de trinta minutos, o auditório estava vazio, só com os familiares e alguns professores. Cabos e fios sendo recolhidos, técnicos desmontando o telão e guardando a filmadora. A professora doutora *honoris causa* por Paris 8 pega o buquê de flores que recebera da Faculdade, ajeita seus papéis para sair, deixa a mesa e pergunta: “vocês tiraram fotos com a minha máquina, não tiraram?”.

#### *DISCURSO PROFERIDO PELA PROFA. DRA. MARILENA CHAUI*

**AGRADECIMENTO À HOMENAGEM FEITA PELA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS PELO TÍTULO DE DOUTOR HONORIS CAUSA EM FILOSOFIA, CONCEDIDO PELA UNIVERSIDADE DE PARIS VIII**

*Eu vou levar possivelmente o resto da minha vida para poder unir quem eu sou com quem acabaram de dizer que sou. Eu vou me procurar bastante, para corresponder ao que foi dito aqui.*

Senhor Diretor,  
Senhores Pró-Reitores,  
Estimados membros componentes desta mesa,  
Caros colegas, estudantes e funcionários,  
Queridos amigos,

Em 1967, depois de defender uma dissertação de mestrado sobre Merleau-Ponty, fui contratada como professora do Departamento de Filosofia e, em outubro daquele ano, fui enviada à França como bolsista para completar minha formação, sob a orientação de Victor Goldschmidt. Seguindo, portanto, a tradição de nosso Departamento, eu deveria finalizar meus estudos de pós-graduação numa universidade francesa e iniciar as pesquisas de meu doutoramento sob a supervisão daquele que também fora orientador de vários dos meus professores brasileiros.

Mas houve uma pedra no meio do caminho. Não feriu minhas retinas cansadas, como acontecera ao poeta, mas levou-me a percorrer outras sendas. A pedra foi maio de 1968 e tudo o que ano de 1968 significou mundo afora, de Paris a

Praga, de São Paulo a Berkeley, do Paralelo 28 ao Araguaia.

Para uma jovem brasileira, que deixara um país esmagado pela ditadura e no qual a esquerda apenas clandestinamente cochichava, pouco antes de ser dizimada pelo terror do Estado, a experiência de maio de 1968 permaneceria indelével, um marco no pensamento, na imaginação e na memória. Pertença, pois, à geração de que fez seu aprendizado político nos acontecimentos da Primavera de 1968, isto é, quando uma brecha se abriu e parecia possível a reinvenção do político.

Em outubro de 1968, como um dos efeitos de maio, abriam-se as portas de uma universidade nova, uma universidade crítica na qual se reuniam e debatiam as esquerdas do mundo inteiro, dos anarquistas aos comunistas, dos socialistas aos trotskistas, dos social-democratas aos maoistas. Nasceu a Universidade de Vincennes. No dia Primeiro de Outubro, ouvimos a aula inaugural proferida por Herbert Marcuse. No início da tarde, Michel Foucault iniciou um curso que antecipava o que viria a ser a *Microfísica do Poder*. No final da tarde, Deleuze deu início ao seu curso sobre Espinosa. Eu estava em Vincennes no dia em que suas portas se abriram com a promessa da reinvenção da universidade.

Podem todos imaginar minha emoção e, mais do que isso, que tenha ficado estupefata quando a Universidade de Paris VIII propôs e me concedeu o título de Doutor Honoris Causa em Filosofia. Como, em minha vida de estudante engajada, eu poderia imaginar que um dia voltaria a Vincennes para receber uma tão grande honra?

Mas não só isso. Se me sinto profundamente tocada pela honra que me fizeram, é porque pertença a um Departamento de Filosofia instituído por uma missão francesa da qual faziam parte Martial Guérout e Jean Maugué e no qual fui aluna não somente de professores que foram alunos de Guérout e de Maugué, como o professor Lívio Teixeira, mas também fui aluna de Gilles Gaston Granger, Michel Debrun e Gerard Lebrun; e de um Departamento ao qual retornou um de seus primeiros professores, Claude Lefort, que seria, para mim fonte, constante de inspiração e de estímulo para meu trabalho. A honraria que recebi torna-me grata aos meus professores franceses, mas também faz com que eu me sinta dividida entre a surpresa e a alegria de ver-me colocada ao lado deles, como se eu tivesse realizado um trabalho acadêmico que me tornasse seu par.

Neste momento, não posso deixar de recordar os versos finais de Rilke nas *Elegias de Duino*, quando escreve:

E nós, com a felicidade,  
Que em nosso pensamento é uma *ascensão*,  
Teríamos uma emoção, vizinha do espanto, que nos agarra  
Quando uma coisa feliz *despenca* sobre nós.

Sei que, nos dias que correm, a filosofia é considerada uma profissão entre outras.

Com frequência, tenho me perguntado por que me dediquei à filosofia.

Algumas vezes, julgo que ela me chamava desde o final de minha infância, de que tenho quatro recordações muito vividas. A primeira delas é a de abrir um livro de minha mãe sobre filosofia da educação e em cujo primeiro capítulo – cujo conteúdo esqueci inteiramente — descobri duas palavras cujo sentido não compreendi, mas que ficaram em minha mente anos a fio: Sócrates e *maiêutica*. Somente na adolescência, durante o ciclo colegial, quando o professor João Villalobos ministrou um curso de lógica, aprendi o que significavam essas palavras, que volta e meia eu pronunciava pelo prazer de seu som. A segunda lembrança é a de abrir um livro de meu pai sobre introdução à psicanálise e descobrir que havia algo chamado inconsciente e um fato espantoso chamado complexo Édipo. Evidentemente, nada entendi sobre a psicanálise, mas fiquei fascinada com o escândalo do que li. Lembro-me de haver tentado explicar o inconsciente e o complexo de Édipo a minhas amigas do colégio das freiras e de vê-las horrorizadas, dizendo-me que eu deveria ir imediatamente me confessar e comungar para me livrar do horrível pecado contido em tais pensamentos. Mas não me confessei. Estava encantada demais com a descoberta para renunciar a ela. A terceira lembrança situa-se por volta de meus 11 anos, quando li o primeiro romance. Era *Quo Vadis*. Li, reli, tresli, sabia de cor algumas passagens e particularmente o início, que me intrigara. De fato, logo nas primeiras linhas, é narrado que Petrônio estivera num festim no palácio de Nero e ali discutira com Lucano e Sêneca sobre a existência ou inexistência da alma nas mulheres. E toda vez eu me perguntava como era possível alguém fazer essa pergunta, pois era evidente que as mulheres possuem alma. Na época, eu não sabia que devia essa certeza ao cristianismo, mas também não sabia que a simples admissão de alma nas mulheres não lhes havia adiantado muito. A quarta lembrança está em ter aberto um outro livro da estante de meu pai, intitulado *Socialismo utópico e socialismo científico*. Agora, algo decisivo me aparecia, mesmo que eu não tivesse compreendido quase nada do que lia. Aparecia-me com clareza que a luta pela justiça, pela igualdade e pela liberdade não era uma luta moral, nascida do espírito da caridade, mas uma ação política consciente determinada pela própria história. Era possível uma sociedade nova, justa e igualitária, não simplesmente por causa de nossa indignação diante da injustiça e da desigualdade, mas porque era possível compreender suas causas e destruí-las.

Outras vezes, porém, penso que o entusiasmo pela filosofia nasceu das aulas de João Villalobos, que ministrou a

uma classe de adolescentes de 16 anos um curso de lógica, em cuja primeira aula, sem qualquer aviso prévio, expôs o conflito entre Parmênides e Heráclito e, na segunda, a diferença entre a argumentação de Zenão e a de Górgias. Fiquei boquiaberta (e deslumbrada) com o fato de que o pensamento era capaz de pensar sobre si mesmo, que a linguagem podia falar de si mesma, que perceber e conhecer poderiam não ser o mesmo. O mundo se tornava, ao mesmo tempo, estranho, paradoxal e espantoso e a descoberta da racionalidade como problema parecia abrir um universo ilimitado no espaço e no tempo.

Outras vezes, porém, penso que fui para a filosofia quando, no final da adolescência, não podia tolerar a cultura da culpa em que fomos criados e sentia que era preciso encontrar uma outra ética em que a liberdade e a felicidade pudessem identificar-se – essa procura iria conduzir-me a Espinosa.

Talvez por causa dessas lembranças não posso considerar a filosofia uma profissão entre outras. Penso que quem busca a filosofia como forma de expressão de seu pensamento, de seus sentimentos, de seus desejos e de suas ações, decidiu-se por um modo de vida, um certo modo de interrogação e uma certa relação com a verdade, a liberdade, a justiça e a felicidade. É uma decisão existencial, como nos aparece com tanta clareza nas primeiras linhas do *Tratado da Emenda do Intelecto*, de Espinosa. Essa decisão intelectual, penso, não é possível, a menos que aceitemos aquilo que Merleau-Ponty chamou de “nossa vida meditante” em busca de uma razão alargada, capaz de acolher o que a excede, o que está abaixo e acima dela própria. Essa decisão, penso também, não é possível se não admitirmos com Espinosa que pensar é a virtude própria da alma, sua excelência.

O desejo de viver uma existência filosófica significa admitir que as questões são interiores à nossa vida e à nossa história e que elas tecem nosso pensamento e nossa ação. Significa também uma relação com o outro na forma do diálogo e, portanto, como encontro generoso, mas também como combate sem trégua. Encontro generoso porque, como nos diz Merleau-Ponty, no diálogo somos libertados de nós mesmos, descobrimos nossas palavras e nossas idéias graças à palavra e ao pensamento de outrem que não nos ameaça e sim nos leva para longe de nós mesmos para que possamos retornar a nós mesmos. Mas também combate sem trégua, porque, como explica Espinosa, embora nada seja mais alegre e potente do que a amizade e a concórdia, os seres humanos são mutáveis, somos passionais e naturalmente inimigos, excitamos discórdias e sedições sob a aparência de justiça e de equidade. Por isso, diz ele, precisamos evitar os favores que nos escravizam a um outro e somente os que são livres podem ser gratos uns aos outros, experimentando em sua companhia o aumen-

to de sua força de alma, isto é, a generosidade e a liberdade.

Por pensar a filosofia como um modo de vida tecido no diálogo generoso e no combate, o combate político-filosófico pareceu-me exigido num país mergulhado no terror do Estado. De fato, voltei ao Brasil em 1969, no momento que, sob o AI-5, as lutas revolucionárias estavam vencidas e a ditadura e o terror de Estado passavam à sua fase mais aguda e sombria. A Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antonia fora destruída pelo incêndio e bombas do Comando de Caça aos Comunistas e fomos jogados em barracões no campus universitário. Vivíamos no medo permanente, nunca sabendo se estaríamos vivos no dia seguinte, ou se nossos amigos e estudantes teriam desaparecido, sido presos, torturados, mortos ou exilados. Nossos professores haviam sido cassados e éramos vigiados e censurados dentro e fora da universidade. Precisávamos praticar a filosofia como crítica do instituído, mas fazê-lo tomando como símbolo a divisa de Espinosa "Cautela!". Foi sob o signo da crítica da ditadura, do autoritarismo e da ideologia da segurança nacional que, durante os anos 70, escrevi meu doutorado e minha livre-docência sobre Espinosa, encontrando em sua obra um pensamento que interroga seu contrário, que vai até o fundo mais profundo da origem do medo e de seus efeitos: a superstição, a tirania e a servidão, cujas contradições exigem o trabalho da interrogação que se abre para a verdade e para a liberdade porque nasce do desejo de verdade e de liberdade.

A filosofia como diálogo e combate foi algo cujo sentido também aprendi no correr daqueles anos com Claude Lefort, descobrindo com ele o sentido do político como lógica do poder e não como pura relação de força e o sentido da democracia como conflito legítimo, como indeterminação e criação temporal, isto é, como invenção histórica e criação de direitos e como recusa do poder incorporado, isto é, da identidade entre o saber, a lei e o poder.

Data também desses anos, meus primeiros esforços para compreender as lutas operárias. Sob a inspiração do historiador Michael Hall, aprendi a buscar na história do movimento operário, em suas lutas e suas formas de consciência, em sua auto-formação e autonomia, o lugar de onde o novo poderia efetivamente surgir. Sob o signo da história, pude compreender que o autoritarismo estrutura a sociedade brasileira na qual vigora a violência sob formas invisíveis e impalpáveis, indo do machismo ao racismo, do preconceito de classe aos preconceitos sexuais, naturalizando exclusões e desigualdades e escondendo sob a indivisão imaginária do verdeamarelismo as divisões sociais e as injustiças. Sob o signo da história e sob o signo da filosofia, compreendi que pode haver uma relação hipócrita entre a filosofia e a política, quando a primeira jul-

ga possuir as chaves da segunda e quando a segunda julga poder definir os princípios da primeira. Se participei com entusiasmo da fundação e constituição do Partido dos Trabalhadores foi justamente por ter presente, de um lado, a necessidade da crítica contínua à relação hipócrita entre filosofia e política e, de outro, por considerá-lo, à luz de meu o aprendizado histórico e filosófico sobre o sentido da política, uma criação histórica que foi o momento mais claro da invenção democrática no Brasil, na medida em que sua existência significou a recusa do autoritarismo social e político, que sempre forçou as classes populares a um papel subalterno.

A decisão filosófica guiou-me também, desde os anos 70, na luta contra a destruição da universidade pública e laica, destruição realizada sob várias formas pelo Estado brasileiro, sob os efeitos da sociedade administrada. O primeiro momento da destruição, ainda sob a ditadura, deu-se com a imposição da "universidade funcional", oferecida às classes médias para compensá-las pelo apoio à ditadura, oferecendo-lhes a esperança de rápida ascensão social por meio dos diplomas universitários. Foi a universidade da massificação e do adestramento rápido de quadros para o mercado das empresas privadas instaladas com o "milagre econômico". A partir dos anos 90, sob os efeitos do neoliberalismo, deu-se a nova fase destrutiva com a implantação da "universidade operacional", isto é, a desapareição da universidade como instituição social destinada à formação e à pesquisa, surgindo em seu lugar uma organização social duplamente privatizada: de um lado, porque a serviço das empresas privadas e guiada pela lógica do mercado; de outro, porque seu modelo é a empresa privada, levando-a a viver uma vida puramente endógena, voltada para si mesma como aparelho burocrático de gestão, fragmentada internamente e fragmentando a docência e pesquisa. Essa universidade introduziu a idéia fantasmagórica de "produtividade acadêmica", avaliada segundo critérios quantitativos e das necessidades dos mercados. Essa imagem da produção universitária tem sido uma das causas de sua degradação interna e de sua desmoralização externa, pois é uma universidade que despreza o pensamento e o ensino.

Nessa luta contra a degradação e desmoralização da universidade, uma idéia da docência tem sido inspiradora para mim. Ela me foi dada por meu mestre Bento Prado. Com ele, descobri que o ensino é formador quando não é transmissão de um saber do qual nós seríamos senhores, nem é uma relação entre aquele que sabe com aquele que não sabe, mas uma relação assimétrica entre aquele cuja tarefa é manter vazio o lugar do saber e aquele cujo desejo é o de buscar esse lugar. Com Bento Prado aprendi o sentido de uma existência filosófica docente formadora, pois com ele aprendi que há en-



sino filosófico quando o professor não se interpõe entre o estudante e o saber e quando o estudante se torna capaz de uma busca tal que, ao seu término, ele também queira que o lugar do saber permaneça vazio. Há ensino filosófico quando o estudante também se tornou professor porque o professor não é senão o signo de uma busca infinita, aberta a todos. Em outras palavras, com mestre Bento Prado descobri o sentido da liberdade que preside ensinar e aprender.

Há pouco, disse que o desejo de viver uma vida filosófica significa admitir que as questões são interiores à nossa vida e à nossa história. É preciso, agora, acrescentar que as questões são apenas índices ou signos da indeterminação essencial de nossa experiência e que acedemos a uma vida filosófica quando essa indeterminação, por mais apavorante que seja, nos fascina e nos arranca de nós mesmos. Assim, quando falo em vida filosófica, penso nas palavras extraordinárias escritas por Merleau-Ponty no dia em que foi recebido no Collège de France que me permito reproduzir aqui, citando o "Elogio da Filosofia":

*A filosofia e o ser absoluto não estão acima dos erros rivais que se opõem no século; esses erros não são erros da mesma maneira e a filosofia, que a verdade integral, tem a tarefa de dizer o que pode integrar de cada um deles (...). O absoluto filosófico não tem sede em parte alguma, nunca está alhures, mas é para ser defendido em cada acontecimento (...). Ao final de uma reflexão que, de início, o afasta, mas para melhor fazê-lo experimentar os laços de verdade que o prendem ao mundo e à história, o filósofo encontra, não o abismo do si ou do saber absoluto, mas a imagem renovada do mundo e dele próprio plantado nela, no meio dos outros (...). O filósofo é o homem que desperta e fala, e o homem contém silenciosamente os paradoxos da filosofia, porque para ser inteiramente homem, é preciso ser um pouco e pouco menos homem.*

\*\*\*

Resta, porém, explicar porque aceitei a honraria francesa e as generosas homenagens de meus colegas, amigos, estudantes e funcionários brasileiros.

Um leitor dos primeiros parágrafos do *Tratado da Emenda do Intelecto* há de se surpreender que eu as aceitasse, pois Espinosa afirma que nós nos perdemos de nós próprios e dos outros quando consideramos um bem supremo, entre outras coisas, as honras. Todavia, o leitor paciente, há de esperar alguns parágrafos seguintes, quando o filósofo também afirma que as honras são boas quando as desejamos com moderação. A honra é uma paixão alegre, que fortalece nossa potência de existir, pensar e agir.

No entanto, sou eu, agora, que me pergunto porque aceitei essa honra.

Para essa indagação, possuo duas respostas, uma delas psicológica ou biográfica e uma outra, política.

Conta minha mãe, que, em 1946, visitou nossa pequena cidade interiorana um pianista polonês que deu um concerto. Depois de tocar esplendorosamente por mais de uma hora, o pianista levantou-se e indagou se havia na platéia quem tocasse piano e convidava os pianistas locais a tocar algumas peças. Embora houvesse no público três professoras de piano e algumas alunas adolescentes, ninguém se apresentou. Para surpresa e pavor de minha mãe, eu, com 5 anos de idade e recém-iniciada no piano, levantei-me, fui ao palco e toquei "Danúbio Azul", numa versão simplificada. O que minha mãe, a platéia e o pianista jamais souberam foi o motivo de eu ter ido executar infantilmente o "Danúbio Azul". Longe de ser a pretensão de alguém que se julgava pianista, dirigi-me ao palco porque não pude suportar que o pianista polonês convidasse alguém para reunir-se a ele naquilo que amava fazer e que ninguém se juntasse a ele, deixando-o solitário no palco. Foi o sentimento de sua enorme solidão que me levou ao piano.

Se narro esse episódio é porque, e aqui vem minha resposta política, num mundo acadêmico hegemonicamente masculino, considero intolerável a solidão das mulheres e por isso, ao ser chamada ao palco da honra, nele subi para que nele também estejam as mulheres.

Num ensaio bellissimo, chamado "O silêncio das romanas", o helenista e romanista Moses Finley nos lembra que as mulheres de Roma não possuíam nome próprio, pois seus nomes eram apenas os de suas famílias escritos no feminino. Dessas mulheres, escreve Finley, não possuímos nada, sequer uma carta, um poema. Possuímos apenas as inscrições em suas lápides, nas quais pais, maridos e filhos dizem que foram filhas, esposas e mães extremosas e amadas. Penso que a homenagem que hoje me é feita, faz parte do reconhecimento do nome próprio das mulheres, e que ao aceitá-la, contribuo para diminuir nossa solidão.

Num comovente ensaio, "Um quarto para si", um ciclo de conferências dedicado à relação entre as mulheres e a literatura, Virginia Woolf propõe uma ficção. Imaginemos, diz ela, que Shakespeare tivesse tido uma irmã e que ela, como ele, fosse extremamente inteligente, sensível, bem dotada para as humanidades, talentosa para a poesia e para a dramaturgia. Enquanto ele recebia uma educação propícia a desenvolver seu talento, ela era treinada nos afazeres domésticos e na preparação para o casamento. Quando ele partiu para Londres, ela deveria partir com um marido. Inconformada, fugiu também para Londres. Ali, porém, não conseguiu publicar seus

poemas nem encenar suas peças, não tinha abrigo, comida nem agasalho para os dias de frio. Numa noite de inverno, encolhida e na mais profunda solidão, ainda jovem, morreu na neve, ignorada por todos e de todos desconhecida. E escreve Virginia:

*A irmã de Shakespeare, da qual ninguém fala, vive ainda. Ela vive em vós e em mim e em inúmeras outras mulheres que não estão presentes aqui esta noite porque estão lavando os pratos ou ninando seus filhos. Mas ela vive, pois os grandes poetas não morrem jamais, são presenças eternas; apenas esperam a ocasião para aparecer entre nós em carne e osso. Hoje, creio, está em vós o poder de dar essa ocasião à irmã de Shakespeare. Eis minha convicção: (...) se tivermos 150 libras de renda e um quarto só para nós, se adquirirmos o hábito, a liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos, se conseguirmos sair da sala-de-estar e ver os humanos não apenas em suas relações uns com os outros, mas também com a realidade (...), então se apresentará a ocasião para que a irmã morta de Shakespeare tome a forma humana a que teve tantas vezes de renunciar. (...) Mas não há que esperar sua vinda sem esforço, sem preparação de nossa parte, sem que estejamos resolvidas a lhe oferecer um novo nascimento, a possibilidade de viver e de escrever. Mas eu vos asseguro que ela virá, se trabalharmos por ela e que trabalhar assim é coisa que vale a pena.*

A honra e a homenagem que hoje tão generosamente me são feitas, são o reconhecimento de que é possível tirar as mulheres da solidão para vê-las dar vida à irmã de Shakespeare.

Muito obrigada.

MARILENA DE SOUZA CHAUI

ENTREVISTA CONCEDIDA  
DIAS ANTES DA HOMENAGEM DA FACULDADE  
POR RODOLFO VIANNA

**A senhora recebeu, no último dia 22 de junho, o título de professora *honoris causa* da Universidade de Paris 8. O que é para Marilena Chauí o título *honoris causa* como também a própria Universidade de Paris 8?**

Olha, o título foi uma surpresa. É claro que ele é uma honra, ele significa a culminância de um trabalho acadêmico. Eu me senti honrada, emocionada e muito contente. Eu não pensei que tivesse uma obra e uma atividade acadêmica e política que levasse a um título como esse. O fato de ser Paris 8 foi

ainda mais significativo para mim, porque, como vocês sabem, a Universidade de Paris é a antiga Faculdade de Vincennes, que foi criada em 1968 no bojo do grande movimento político de maio de 68. E eu estava em Vincennes no dia em que as portas se abriram. Então, houve uma conferência do Marcuse (Herbert Marcuse), e depois nós tivemos uma aula sobre Espinosa com Deleuze (Gilles Deleuze) e uma aula sobre aquilo que viria ser "Microfísica do Poder", com Foucault (Michel Foucault). Então, você pode imaginar uma jovem brasileira que está tendo sua primeira grande experiência política o que foi, num único dia, ter como professores Herbert Marcuse, Gilles Deleuze e Michel Foucault. Ora, receber um título dessa universidade é muito significativo, na medida em que é de uma universidade na qual eu efetivamente realizei minhas primeiras pesquisas sobre Espinosa, tive meus primeiros contatos com a discussão filosófica dentro da política e se abriu a possibilidade de uma universidade inteiramente nova. É isso Paris 8.

**Sobre a filosofia em geral, qual era a visão da estudante Marilena e da atual doutora? Imagino que se hoje há uma espécie de incompreensão pela escolha de estudantes pela filosofia, por parte da sociedade e da família, imagino para a senhora que ingressou em 1959. Houve, ainda, algum agravante por ser mulher?**

Bom, primeiro: contrariamente do que você pensa, era mais fácil escolher antes do que hoje. Porque no ensino fundamental, primeiro e segundo grau, nós recebíamos uma formação muito esmerada. A escola pública era esmerada cultural e pedagogicamente. Eu tive no ginásio latim, francês e inglês e, no colegial, a isso se acrescentou espanhol, grego e italiano. Tive aulas de filosofia a partir do chamado "primeiro clássico", portanto, aos 16 anos, eu tive um curso de filosofia. Durante 3 anos, quatro vezes por semana eu tive aulas de filosofia. Recebíamos uma formação que facilitava a escolha. As minhas dúvidas eram, no interior das Humanidades, se eu faria Letras, História ou Filosofia. A minha decisão por Filosofia foi porque achei que pelo tipo de questionamentos que eu tinha, questionamentos existenciais, talvez a Filosofia pudesse responder mais.

Do ponto de vista do gênero, o fato de ser mulher não atrapalhou em nada. Isso não quer dizer, entretanto, que o velho departamento de filosofia não fosse machista. Eu vou lhe dar três pequenos exemplos, um deles eu como estudante e dois eu já como professora. Quando era aluna, as classes eram pequenas (oito, dez alunos). Eu estava no primeiro ano quando cursei a disciplina de Lógica e Filosofia das Ciências, que era ministrado pelo professor Gianotti (José Arthur Gianotti). No primeiro dia de aula, ele entrou e viu que era uma classe onde havia oito mulheres e um rapaz. Ele entrou, sentou, olhou

para nós e disse: “mas o que as violetinhas estão fazendo aqui? Marido é no curso de Letras”. Foi assim que fomos recebidas. O fato de fazermos vestibular, ter sido aprovadas, fazermos o curso não significava que, do ponto de vista de vários professores e até mesmo de colegas não fossemos quase uma anomalia. Bom, depois, eu me tornei professora do departamento e na ocasião eu estava grávida da minha segunda filha. Houve a festa de aposentadoria do professor Cruz Costa (João Cruz Costa). E o professor Cruz Costa veio até mim, bateu na minha barriga e disse: “Dona Chauí, a senhora é tão bonita, mas com essa barriguinha a senhora acha que dá para ser professora de filosofia?”. E a terceira experiência foi novamente com o professor José Arthur Gianotti. Nessa mesma ocasião, ele me disse: “você pretende ser uma intelectual?”. Na época, a palavra “intelectual” quase não era usada, e eu não fazia idéia do que era ser uma intelectual. Eu fiquei meio desenhada, e disse que achava que sim. “Então você precisa parar de parir filho”.

#### **E a senhora encontra hoje o professor Gianotti pelos corredores da Faculdade...**

Sem nenhum problema, sem nenhum problema. Então, ser mulher era uma condição muito complicada. Nas Ciências Sociais era muito complicado, na História era muito complicado. Nas chamadas Ciências Duras (as Ciências Naturais e as Exatas) era muito complicado. Mas eu tive o privilégio de pertencer à geração de 1968 e, portanto, pertencimento à época em que na Europa e nos Estados Unidos travam-se as lutas pelos direitos civis, pelos direitos da mulher, espalhando-se por todo o mundo. E, na América Latina, foi a época das lutas pela sociedade democrática e socialista. O fato de eu ter participado de um período muito libertário fez com que dificuldades que mulheres anteriores à minha geração tinham experimentado, no nosso caso, diminuíssem bastante. Eu não vou dizer para você que elas desapareceram, mas elas diminuíssem bastante.

#### **E dentro da própria família, da sociedade em geral, como foi vista a escolha pela Filosofia, uma vez que as ciências humanas eram, e ainda são, vistas como “perfumaria”?**

Não houve nenhum problema. Em primeiro lugar, a visão que se tinha das Humanidades tinha mudado radicalmente, pois já havia nas Letras, a produção do Antonio Candido; nas Ciências Sociais, a do Florestan Fernandes; na Filosofia, a do Cruz Costa; na História, a de Sérgio Buarque e assim por diante. Essa produção teórica tinha sido desenvolvida pela Faculdade e já não havia mais nenhuma condição de considerá-la como perfumaria. O trabalho realizado, sua seriedade, seu rigor, sua maneira nova de interpretar o Brasil, mudaram a visão da sociedade a respeito da Faculdade e das Humanidades.

Com relação à minha família, eu costumo contar uma história muito divertida. Um mês antes do vestibular eu ainda estava em dúvida entre Letras, História e Filosofia. Eu tive uma conversa com minha mãe e ela disse que eu tinha que fazer a escolha rapidamente, porque, ela me disse, “não vai ter cabimento imaginar você como a maior parte das infelizes mulheres desse país que fazem o curso colegial, arranjam um marido, preparam o enxoval e vão se casar”. Minha mãe trabalhou a vida inteira, foi professora, então o apoio para a faculdade e o apoio para a filosofia foi total.

#### **Professora, dentro ainda da questão da filosofia, como a senhora vê a construção do pensamento filosófico no mundo de hoje? Há atualmente grandes correntes de pensamento ou mesmo núcleos de irradiação de pensamento, ou há uma grande fragmentação?**

Hoje há uma grande fragmentação. Não dá para falar em correntes filosóficas. Você tem, o que é uma coisa muito triste, acomodações acadêmico-profissionais. Ou seja, a partir daquilo que você realiza na academia, você define uma área de trabalho e se dedica àquilo. De modo geral, é o que tem acontecido. Não há, eu não vejo o surgimento de um pensamento filosófico que dê conta da contemporaneidade. Eu não quero dizer que não haja discussões filosóficas sobre a contemporaneidade. Está aí a obra de Jünger Habermas, que discute essa questão, e outros que também fazem essa discussão. Mas, uma coisa é você discutir as questões impostas pela contemporaneidade, outra coisa é você ter uma concepção ao mesmo tempo crítica e alternativa, que em geral é o que cabe à Filosofia. Crítica no sentido de fazer um exame e uma interpretação dos impasses existentes, por um lado, e, por outro, encontrar aquilo que poderíamos chamar de as condições reais de possibilidade do pensamento e da ação. E eu não tenho visto isso. Eu penso que a possibilidade para isso pode surgir, tanto nas reflexões a respeito da política, tanto das condições novas da ciência, particularmente da biologia e dentro da biologia genética e também pela questão colocada a maneira pela qual a ciência, transformada em tecnologia, se transformou em força produtiva, e, portanto, numa força econômica. Há questões relevantes que permitirão que reflexões, que hoje são isoladas, possam se aproximar e nos levar a uma compreensão inovadora do presente. No momento, eu acho que a Filosofia ainda está em refluxo.

#### **Além da distinção como pensadora, Marilena Chauí é também sinônimo de enfrentamento, luta, protesto, atuação política e social. Qual foi, remontando às suas lembranças, a primeira indignação?**

Olha, a primeira indignação começou muito cedo, eu era mui-

to pequena. Eu morava numa cidadezinha do interior de São Paulo, Pindorama, e havia o Grupo Escolar, onde eu estudava, e que ia até o 4º ano primário. Para os padrões da cidade e da época, ganhar o diploma do 4º ano primário era um grande acontecimento e havia uma grande festa. E eu me lembro que duas meninas e um menino foram excluídos da festa pelo diretor da escola porque eles não tinham condição de vestuário. A família era muito pobre e eles não tinham como se vestir para a festa. E eu me lembro que minha mãe trouxe essa história para casa, pois ela era professora do Grupo, e eu fui, meu Deus do céu, eu acho que tinha oito anos!, e fui tomada de verdadeira fúria. E eu fiz uma coisa... engraçado, eu nunca mais tinha me lembrado disso... havia na rua em que eu morava uma loja de armarinhos, que vendia tecidos e minha mãe tinha conta lá, e eu fui e comprei (uma breve pausa) comprei organdi para as meninas, sei lá, devo ter comprado todas as medidas erradas, comprei uma sarja para a calça do menino e uma cambraia para a camisa dele. A minha tia, irmã da minha mãe, era costureira e eu disse "tia, a senhora vai fazer a roupa, porque, imagine, eles não podem ir na festa!". E, a partir daí, a professora deles comprou sapato, um outro deu as meias e eles foram. A percepção da injustiça, é muito interessante, apareceu para mim sempre a partir de formas de exclusão, de gente excluída de alguma coisa a que teria direito. Tanto que uma das razões de eu ter ficado muito imbuída de cristianismo foi porque eu achava que o cristianismo estava realmente em busca da justiça. E, depois, quando aos 13 anos eu li "Socialismo Utópico e Socialismo Científico", do Engels (Friederich Engels) eu achei que a resposta estava mesmo no socialismo e no marxismo. Então, aos 13 anos eu não diria para você que eu era marxista – não tinha condição – mas aos 13 anos eu era socialista.

Mas eu acho que isso veio do ambiente da minha casa. Eu tinha uma família muito sensível a essas formas de injustiça.

**Professora, em outra entrevista, a senhora disse ter tido o privilégio de estar em Paris em maio de 1968, a cidade foco dos movimentos de contestação ocorridos em todo o ocidente, como a senhora já lembrou aqui. Qual o aroma que se sentia no ar de Paris em 68?**

Havia duas coisas muito interessantes. A primeira, era o fato de que você tinha um movimento político que não era um movimento pela tomada do poder. Era um movimento de recusa das formas existentes de poder. A segunda foi, em função disso, toda a reflexão e remanejamento no interior da esquerda. Vamos dizer, o claro envelhecimento do PCF (Partido Comunista Francês), o claro descompasso histórico do Partido Socialista Unificado, o desabrochar muito forte das correntes

trotskistas e maoístas que tinham, é uma coisa muito interessante e eu acho que só poderia acontecer naquela ocasião, um forte conteúdo anarquista do período. A linha geral do movimento era "nós somos contra a tomada do poder".

Então, eu diria que foi o período da minha formação política, não como ação, porque algumas ações eu já tinha tido no Brasil, mas como pensamento político.

**E quando a senhora participou grávida de uma manifestação?**

Isso foi em fins de 1964. Quando o Jânio renunciou, houve a questão do Jango e a ditadura se instalou, nós tomamos a Faculdade de Filosofia, a Maria Antonia, para impedir que a polícia e o exército entrassem, porque professores estavam sendo presos, interrogados, etc. Eu estava grávida de 6 meses, e fiz um cordão de isolamento junto com outras pessoas em frente à porta. E aí a Regina Sader e o professor Antonio Candido disseram "Marilena isso é uma loucura, essa criança vai nascer aqui. Você vai embora já!". E eu então comecei a ir da Maria Antonia até a Praça da República que era onde eu tomava o ônibus elétrico, pois eu morava no Jardim da Glória. E eu comecei a ouvir barulho de botas. E eu corri. Corri, praticamente, da rua Dr. Vilanova até a Praça da República. E o barulho de botas só parei de ouvir porque havia um ônibus no ponto e eu entrei.

**Barulho de marcha de soldados?**

Barulho de corrida. E o meu filho nasceu prematuramente.

**E a Maria Antonia foi invadida?**

Foi. Foi quando o professor Cruz Costa foi preso, o professor de física, Mario Schenberg foi preso, o professor Kerr (Warick Kerr), eles eram presos, revistados e obrigados a cantar o hino nacional. Na casa do professor Schenberg, por exemplo, levaram embora o livro "O Vermelho e o Negro", de Stendhal, pois achavam que era sobre os "vermelhos", a Enciclopédia Britânica, o que passava pela cabeça deles.

**E qual era a atmosfera no Brasil no ano do AI-5, 1968?**

Eu estava na França, tinham havido todos os problemas aqui no nosso departamento, e eu vim ao Brasil. Eu descí do avião na hora em que estava sendo decretado o AI-5. E nós não fazíamos idéia do que aquilo iria significar, que iria se passar para uma nova fase da ditadura e o terror de Estado ia se implantar. Embora a leitura do Ato Institucional número cinco fosse de arrepiar, a gente não fazia idéia do que iria significar, o que é que ia significar a exceção estabelecida e o terror exercido pelo Estado. Os anos 70, de 1970 a 1975 foram anos de chumbo, de horror, de medo, de pavor em toda a parte. Aqui na Faculdade havia os olheiros do DOPS, infiltrados no meio

dos alunos, microfones nas nossas salas e na sala dos professores, eram feitas fichas. De repente você chegava na sala e faltavam alguns estudantes, e você não sabia se eles tinham fugido, sido presos, torturados ou mesmo mortos ou exilados. Assim também com os colegas, como Salinas (Luis Roberto Salinas Fortes) e Carmute (Maria do Carmo Campello). Assim era. Primeiro você não sabia se conseguiria sair de casa, depois você não sabia se voltaria.

**Professora, e atualmente? Qual o aroma que a senhora sente no ar, aqui na Faculdade de Filosofia?**

Eu penso que a Faculdade vai entrar numa fase de renovação por obra dos estudantes. Eu costumo dizer o seguinte: em 1968 a Faculdade de Filosofia se considerava a vanguarda do proletariado avançado. Hoje ela é a retaguarda atrasada da classe média atrasada. Então, da parte do corpo docente não há muito o que se esperar. Há as exceções honrosas de sempre, mas há um conservadorismo muito grande, uma desesperança muito grande, uma rotinização muito grande e tudo isso ligado ao momento que, com o Reitor Goldemberg na década de 80, se implementou a avaliação por produtividade e ao mesmo tempo que a Universidade se tornou operacional, voltada para si mesma e onde os professores se perdem em relatórios, com apresentação de serviço, com a produção em escala industrial de textos para congressos e revistas, etc. Então, eu diria que as condições do lado do corpo docente são muito desfavoráveis para uma mudança, mas não do lado dos alunos. A greve do ano passado mostra isso. Os alunos reivindicam efetiva qualidade do ensino público, reivindicam que haja um entrosamento entre trabalho teórico e a compreensão da sociedade brasileira e exigem todos os aspectos pelos quais a Faculdade possa contribuir praticamente com a sociedade. Eu estou muito esperançosa porque eu acho que uma mudança se anuncia, ainda que vagarosa. Há uma recusa de nossos estudantes de aceitar que a educação seja um serviço ou seja um privilégio. Tomando a educação como um direito, a luta por esse direito dá um novo fôlego para a Faculdade. E vamos ver em que o novo Governo Federal e o Ministério da Educação são capazes de dar ressonância a essa luta que, eu penso, existe em várias universidades públicas.

**A senhora é uma das maiores estudiosas sobre o filósofo Espinosa. A senhora diz que seu encanto está na concepção espinosista de liberdade. Em poucas palavras, se possível, qual é essa concepção?**

Tradicionalmente, e sobretudo na cultura ocidental, que é uma cultura cristã, a idéia de liberdade é inseparável da idéia de livre arbítrio da vontade. É a idéia de que é a nossa vontade

que é livre, e sabemos que é livre pela liberdade de escolher entre alternativas contrárias que são igualmente possíveis. Então, o fato de você ser dotado de uma vontade capaz de escolher sem ser constrangido por nada ou por ninguém indica que nós somos livres por vontade. Há uma identificação entre liberdade, escolha e vontade. Espinosa faz a crítica dessa concepção. Considera que isso é uma imagem, ilusória, da liberdade. Em primeiro lugar, nós não temos uma vontade livre, nossa vontade é determinada pelas condições nas quais vivemos e, portanto, nós não escolhemos. A nossa vontade pura e simplesmente quer aquilo que as condições determinam o que ela queira. Por outro lado, a tradição, por causa da identificação entre liberdade e vontade, estabeleceu uma oposição entre liberdade e necessidade. É por liberdade o que é por vontade o que é por escolha. É por necessidade o que é determinado por uma causa sem escolha. Então, você tem ou liberdade ou necessidade. Espinosa também faz a crítica dessa oposição e ele vai afirmar que a necessidade não elimina a liberdade, mas reforça a liberdade.

O que ele entende por liberdade? Ele entende por liberdade duas coisas: uma primeira, que é muito comum e uma outra que é própria dele. Ele entende por liberdade, como muitos outros filósofos, a ausência de constrangimento externo para realizar alguma coisa. Mas, ele acrescenta que nós somos livres quando o que nós pensamos, o que nós fazemos, o que nós dizemos, as nossas atitudes, nossos comportamentos têm como causa necessária nós mesmos. Quando nós somos a causa interna necessária das nossas ações, do nosso comportamento, das nossas idéias, nós somos livres. Então, que o que se passa em nós seja necessariamente determinado pela estrutura do nosso ser, não elimina a liberdade. Você não é livre quando o que você pensa, o que você faz, o que você quer, etc é determinado pelos outros. Então, quando determinado por causas externas, você não é livre. Você é livre quando a necessidade que se exprime no que você é, é você mesmo.

**É como se fechasse um círculo?**

Exatamente. Essa concepção de liberdade só é possível porque Espinosa considera que nós somos expressão finita de uma potência infinita, que ele chama *substância*, que ele chama de Deus. É uma força imanente.

**Mas tem uma consciência essa força?**

Não. Ela tem propriedades. Por exemplo, ela é uma força pensante, ela é uma força material, os corpos são expressões finitas da materialidade infinita. As nossas almas são expressões finitas do pensamento infinito. E como Deus é essa força

produtora e imanente, não existe um deus pessoal, transcendente, que nós dá leis, que nos pune, etc. Então a ética de Espinosa é uma ética que não lida com aquela noção central do judaísmo/cristianismo que é a noção de culpa. A que você tem que lutar contra uma culpa originária, que foi o fato do primeiro homem ter desobedecido a lei de Deus e ter passado essa culpa para todos os outros homens. E é uma culpa tão monumental que nenhum homem pode salvar o gênero humano, só o próprio

Deus. Na crítica de Espinosa não há essa noção de culpa.

### **O pensamento de Espinosa dialoga bastante com a noção de democracia?**

Sem dúvida. Ele vai dizer que a democracia é o mais natural dos regimes políticos, porque nós, como expressões da potência de agir da *substância*, da potência de Deus, todos nós temos o dever de governar o nosso regime político.

## *“SISTEMA MUNDIAL: ORIENTE E OCIDENTE A QUESTÃO DA HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA”*

POR RODOLFO VIANNA

AFFLCH recebeu em São Paulo o colóquio internacional sobre os novos desenhos do cenário mundial, realizado uma semana antes no Rio de Janeiro, trazendo como ponto central a relação entre o Ocidente e o Oriente, sua história e perspectivas futuras.

Na abertura, no dia 25 de agosto, a mesa foi composta pelos professores Sedi Hirano, diretor da Faculdade, Sunanda Sen, da Jamia Millia University (Nova Delhi), Andre Gunder Frank, da Northeastern University (Boston) e Alexandre Uehara, da JETRO 2.

As análises dos professores foram sobre a situação atual da Ásia, principalmente o Japão, a China e a Índia. Para Uehara, o Japão optou, após a Segunda Guerra, por ocupar uma posição no cenário mundial lastreada pela multilateralidade, em detrimento de sua hegemonia que poderia levar a atritos com seus países vizinhos. Mesmo participando financeiramente dos órgãos multilaterais internacionais, o país não atua como força determinante, analisou o professor, justamente para evitar inimizades.

Tendo em vista o crescimento da China, Alexandre Uehara não vê a rápida possibilidade de mudança de parceria preferencial dos Estados Unidos na Ásia, uma vez que não há uma forte confiança entre o governo de Washington e o de Beijing (Pequim), como a já estabelecida com o do Japão.

O professor Sedi Hirano, do departamento de Sociologia e Diretor da Faculdade, levantou alguns pontos centrais de seu estudo sobre a desigualdade mundial produzida pelo capitalismo. A desigualdade de renda tem crescido ao longo do tempo, acompanhado por um processo de exclusão social, afirma o professor, tanto nos países centrais como nos da periferia do capitalismo. 80% do PIB mundial se concentra nas mãos de 20% da população do planeta, continua ele, tendo somente a Ásia e a África 70% da população mundial e detendo somente 10% da riqueza.

Na seqüência das falas, o professor Andre Gunder Frank ressaltou a importância de se estudar o sistema econômico mundial como um todo, não o separando por continentes

ou regiões. Dentro de sua visão, Gunder Frank expõe seu conceito de “entropia”, que seria a transformação de parte da energia constante do mundo. Como exemplo, cita a distribuição da poluição, fazendo com que todos paguem pela produção do norte (lê-se países desenvolvidos), assim como também a absorção pelo 3º mundo da desordem do primeiro, resultando em ditaduras, corrupção, guerra civil, que não são características do sul, como se faz entender, mas sim conseqüências da desordem do norte.

O poderio dos Estados Unidos, continua o professor Frank, baseia-se unicamente no dólar e no Pentágono, e não em tecnologia ou capacidade do povo (como exemplo, fala que Cingapura ocupa o 4º lugar em matemática no ensino secundário, enquanto que os EUA somente o 28º). O dólar, continua o professor, sustenta o Pentágono que, por sua vez, faz dar sustentação ao dólar via chantagem militar internacional.

Finalizando, Gunder Frank profetizou que o século XXI será outra vez asiático, como os anteriores ao XIX. “O surgimento ocidental”, continuou ele, “foi quase um acidente histórico”.

Encerrando, a professora indiana Sunanda Sen disse ter sérias dúvidas em relação ao otimismo do professor Frank. Para ela, o crescimento norte-americano foi o que deu sustento ao super crescimento asiático, reiterando que este não interfere no do ocidente, mas o inverso permanece verdadeiro.

Além do mais, Sunanda afirma que grande parte dos investimentos nos países asiáticos se transforma em capital especulativo, o que só cria um cenário economicamente instável nesses países. No caso da Índia, o Estado mantém o controle de fluxo de capitais por justamente saber da necessidade de controle da especulação financeira.

Outro ponto importante, ressalta a professora, é que 70% do comércio asiático é realizado por multinacionais, que revertem seus dividendos em capital estrangeiro.

## Dia 26 de agosto

No dia 26 de agosto, o tema da mesa foi “A Hegemonia dos EUA e o Sistema Mundial”, composta pelos professores Orlando Caputo, da Universidade de Arcis (Chile), Gilberto Dupas, do Instituto de Estudos Avançados da USP, Carlos Eduardo Martins, da Reggen/Unesco e Lúcio Flávio de Almeida, da PUC-SP.

Orlando Caputo, através de inúmeros gráficos e tabelas, acredita que os Estados Unidos teriam passado por uma crise cíclica, característica do capitalismo, mas já estariam se estruturando novamente. Como prova disso, mostra o aumento na taxa de lucro de empresas, assim como uma nova rearticulação de Washington, frente a um novo cenário do sistema mundial, implicando no fortalecimento do Estado norte-americano.

Mas, para Carlos Eduardo Martins, a crise de hegemonia dos Estados Unidos vem desde a década de 70, mais precisamente depois da grande crise do petróleo de 1973. A partir desse momento, acredita o professor, os Estados Unidos “deixaram de ser um alavancador da economia mundial e passaram a ser um travão”, sustentando-se através da economia mundial.

Martins acredita também na dificuldade de surgimento de uma nova hegemonia mundial, devido à forte e ampla difusão tecnológica assim como também num tempo de impossibilidade de exploração maior da mão de obra altamente qualificada. “Mas não significa que o capitalismo está acabado”, adverte, mas sim que entramos num novo ciclo de Kondratiev (economista soviético que formulou uma teoria de ciclos capitalistas que leva o seu nome. Esses ciclos estão ligados às revoluções tecnológicas e organizacionais e, normalmente, expressam períodos de 50 ou 60 anos, que se dividem em fases A, de expansão, ou fases B, de crise econômica).

Gilberto Dupas, que deu seqüência ao seminário, iniciou sua fala classificando a “globalização” como a utilização da tecnologia para fragmentar a cadeia produtora visando o seu barateamento. Pela globalização, continuou, buscou-se a mão de obra mais barata, mantendo-a nos seus bolsões de países pobres, cabendo aos Estados pobres alguma espécie de *welfare* (bem estar social). “Se a globalização do século XIX foi de mão de obra - migrações - hoje é o inverso, o que é muito mais perverso”, conclui ele.

Sobre hegemonia, o professor Dupas diz que país hegemônico é aquele que pratica um discurso que, embora seja benéfico a si, parece ser benéfico a todos. E que, quando a hegemonia declina, pode haver a sua transformação em coerção. É o que aponta como a nova política internacional dos Estados Unidos, como suas ações no Afeganistão e Iraque assim como a declarada “guerra preventiva”.

Continuando sua apresentação, Dupas pediu a todos: “esqueçam a China, por enquanto”, quebrando o otimismo em relação a essa nova potência. Para consolidar sua opinião, o professor apresentou dados surpreendentes. Segundo ele, havendo o crescimento do PIB chinês a uma taxa de 8% ao ano durante 20 anos e o crescimento do PIB dos Estados Unidos durante o mesmo período a uma taxa de 2%, percentuais razoáveis, em 2023 o PIB da China seria por volta de US\$ 5 trilhões, enquanto que o dos Estados Unidos estaria na casa dos US\$ 15 trilhões; o triplo. Os PIB's atuais são US\$ 1,2 trilhão e US\$ 11 trilhões, respectivamente.

Voltando ao ponto da mudança de hegemonia para a coerção, o professor Gilberto Dupas vê a implementação do caos, caso os Estados Unidos continuem a caminhar para a coerção. E finaliza, dizendo que é necessário o reajuste da hegemonia americana no seu modelo clássico.

Por fim, falou o professor Lúcio Flávio de Almeida. Para ele, faz-se necessário a não banalização do conceito de “exclusão”, assim como não pensa que o “não cidadão” é só aquele que se encontra na periferia do sistema. A constituição da cidadania está vinculada aos seus direitos de cidadãos, hoje muito diluídos e confundidos com a concepção de serviços.

Atualmente, continua o professor, está mais explícito o caráter de classe do Estado, no caso, da classe dominante. “Quem intervém quando o interesse capitalista é ameaçado é o Estado”, afirma ele. E ainda fala sobre o discurso dúbio da globalização: abertura de mercado, livre-circulação, etc, quando favorece os interesses capitalistas nacionais; recrudescimento do Estado quando há ameaças a esses mesmos interesses.

## Dia 28 de agosto

No terceiro e último dia, sob o título de “Hegemonia e Contra Hegemonia em escala mundial”, reuniram-se os professores Immanuel Wallerstein, da Yale University, Theotonio dos Santos, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e vinculado à Reggen, Emir Sader, da USP e da UERJ, Octavio Ianni, da USP e Unicamp e Gildo Marçal Brandão, da USP e a quem coube a coordenação da mesa.

Iniciando, o professor Wallerstein disse que a política hoje aplicada pelos Estados Unidos é a tentativa de reversão do declínio que vêm sofrendo desde a década de 70. E disse haver dois pesadelos para Washington: o primeiro é a independência política da Europa ocidental e o segundo é a proliferação do poderio nuclear, cujas bombas podem facilmente comprometer o poder americano. Daí, a estratégia, continua o professor, de “endividar, pressionar, comprar países” para que

eles não desenvolvam tecnologia nuclear. Como exemplo, citou o Brasil, “mas há muitos outros”.

Continuando, Wallerstein acredita que o colapso dos comunismos foi uma catástrofe para os EUA. “Não ganharam nada com isso. No plano econômico ganharam pouco e no plano político perderam o instrumento mais eficaz para manter os países da Europa ocidental, o Japão, etc, em sua órbita”, esclareceu o professor.

Analisando a Doutrina Bush, o conferencista lembrou o imaginário dos “falcões” de Washington, que acreditam que o declínio dos Estados Unidos está diretamente ligado a sua falta de atuação no mundo. “Os falcões nunca tinham chegado ao poder e, mesmo no governo Reagan, não comandavam a política externa”. Continuando, disse que o 11 de setembro “foi o milagre”, pois possibilitou que se colocasse imediatamente em prática a política dos falcões; “que já é um fracasso”, na opinião do professor, “primeiro, pois despertou a cólera muçulmana contra os Estados Unidos, em particular, e contra o ocidente, em geral. Segundo, e mais importante, que ao invés de intimidar os europeus, acelerou a criação do eixo Paris-Berlim-Moscou”.

Encerrando, Immanuel Wallerstein disse acreditar em duas forças mundiais: o espírito de Davos e o de Porto Alegre, “e os dois querem transformar o mundo”, mesmo que o segundo ainda seja de reação, “de não permitir o pior. É um movimento de movimentos”, nas palavras do professor.

“Esse unilateralismo chega a formar uma visão do mundo próxima de um pensamento fascista”, foi o que falou o professor Theotônio dos Santos iniciando sua conferência. Parte-se da idéia da liberdade, mas a liberdade como uma conquista, uma tese, um conceito gerado pelos Estados Unidos. Eles são os portadores da liberdade, cabendo a eles a garantia da liberdade humana. “Daí o conceito onde esteja ameaçada a liberdade, os Estados Unidos podem atuar”.

Continuando seu raciocínio, o professor diz que a Doutrina Bush apóia-se num conceito (liberdade) vago, subjetivo que pode ser comparado à concepção de “raça pura” de Hitler, pois seria irracional, ligado a “essência” do povo. “Eles definem o que é, ou o que não é liberdade”, argumenta, pontuando que “vale a pena lembrar que a Estátua da Liberdade veio da França”, ironizou. Nesse momento, o professor Octavio Ianni interveio: “e ela nunca entrou nos Estados Unidos”, mais irônico ainda, referindo-se à sua colocação numa pequena ilha à entrada da baía de Nova Iorque não no continente. Todo o auditório riu e aplaudiu.

Nos aspectos econômicos, o professor Theotônio mostrou que os Estados Unidos têm um endividamento público na casa de 60% do PIB, além de um déficit comercial na ordem de US\$

500 bi. “Um país que tem déficit fiscal e déficit comercial não pode ter uma moeda forte, por princípio”.

O professor Emir Sader, que deu seqüência ao evento, ressaltou que não se pode desvincular a questão da hegemonia com a de contra-hegemonia. E também levantar o debate sobre as forças do “adversário” (o país hegemônico), não só suas fraquezas. Assim, o professor Sader levantou três questões de força dos Estados Unidos: a economia, a ideologia e o enfraquecimento da velha esquerda.

Sobre a primeira, Emir Sader lembrou que mesmo estando enfraquecida se comparada com o seu esplendor nas décadas de 50 e 60, a economia norte-americana mostra-se muitíssimo forte ao observar seus rivais contemporâneos, sendo essa a comparação que deve pautar qualquer análise.

A maior força hegemônica, continua o professor, é ideológica. Com o desaparecimento da União Soviética, o único modelo de sociedade atraente é a sociedade de mercado norte-americano. Assim, o conferencista aponta que o anseio pelo consumo está presente nas sociedades de praticamente todos os países, não havendo no horizonte atual uma alternativa.

Por fim, o enfraquecimento da velha esquerda agrava a desorientação que, por sua vez, compromete a construção de um projeto alternativo. “Uma coisa que favorece o fortalecimento norte-americano é isso que a gente viu agora na Europa: movimento de juventude, popular, democrático, pacifista, extraordinário e governos de direita”, disse o professor, continuando “A esquerda não tem sensibilidade para captar esse movimento, não dialoga com eles”.

Sendo um dos organizadores do Fórum Social Mundial, o professor Emir Sader acredita ser ele o espaço por excelência de articulação e acumulação de forças contra-hegemônicas, mesmo com todos os problemas que tem. Mas, ressaltou, há a necessidade de haver propostas, projetos alternativos a serem apresentados. “Senão, vamos acumular forças eternamente, um Fórum, dois Fóruns, três Fóruns, 75 Fóruns e não temos projetos alternativos globais a propor”, explicou, alertando também “chega de pensar global e agir local. Vamos pensar global e agir global!”.

Encerrando a mesa, quem falou foi o professor emérito Octavio Ianni. Provocativo, perguntou logo de início: “será que os Estados Unidos, suas elites governamentais e classes dominantes estão exercendo uma hegemonia em escala mundial?” Para depois responder: “parece, mas na verdade o que está ocorrendo é o exercício de uma supremacia geopolítica, que não é necessariamente sinônimo de hegemonia”.

Ianni lembrou que o conceito de hegemonia está vinculado ao plano cultural, à convergência de ideais, “e não é verdade que hoje haja uma convergência de valores e ideais



no mundo contemporâneo com o que diz Washington, mesmo dispondo de uma poderosa e impiedosa máquina de propaganda”, acredita ele. Dialogando com a fala de Emir Sader, o professor Ianni acredita que o consumismo presente, a adoção de certos valores da dita modernidade não são suficientes para expressar uma hegemonia. “Isso tem a ver com a dinâmica dos mercados e o domínio da mídia controlada por corporações norte-americanas e europeias que trabalham massivamente certos valores de consumo em escala mundial”.

Outro aspecto da hegemonia, levanta Octavio Ianni, é o compromisso entre aqueles que detêm os instrumentos de poder e os setores sociais subalternos. E, para ele, constata-se hoje uma ruptura, inclusive dentro da própria sociedade americana. Além disso, o sociólogo recorda que desde 1946 as elites dominantes norte-americanas associadas com europeias, asiáticas e até latino-americanas “dedicaram-se a desestabilizar, destruir e em muitos casos esmagar todas as experiências sociais alternativas ensaiadas no mundo”, disse ele, falando que os Estados Unidos aplicam uma política de “contra-revolução permanente”.

Grande teórico da sociedade global, Ianni vê que atualmente os grandes atores mundiais não são mais os estados nacionais, mas sim as corporações transnacionais. “Elas tem hobbies poderosos nos vários governos, nos vários congressos e tem um acesso decisivo na mídia e conseguem mover-se com seus interesses à revelia dos governos, à revelia dos trabalhadores, à revelia daqueles que são vítimas da dinâmica do capital”, explica ele, acreditando também numa mundialização dos movimentos sociais que possibilitaria, daí, “uma globalização de baixo para cima”.

Encerrando, Octavio Ianni disse que desde 1914 o mundo vive numa “guerra civil latente, aberta ou encoberta, mas permanente”, e que há sim uma inquietação grande no mundo. “A transformação”, disse ele, “pode não estar no horizonte dos indivíduos pessoalmente, mas isso é uma dinâmica do social, uma dinâmica da História”.

## *CULTURA CHINESA NA BIBLIOTECA CENTRAL DA FFLCH*



## NOTÍCIAS

### *COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

O Conselho Departamental de História indicou os Profs. Drs. Eni de Mesquita Samara e Rafael de Bivar Marquese para os cargos de titular e suplente, respectivamente, da comissão.

### *ELEIÇÕES DE DOCENTES PARA CARGOS DIVERSOS*

Os Conselhos Departamentais reunidos no mês de agosto elegeram os docentes para os seguintes cargos:

#### *CENTROS*

Centro de Estudos Portugueses – Profa. Dra. Rita de Cássia Natal Chaves (diretora) e Hélder Garmes (vice-diretor)

Centro de Estudos Japoneses – Profa. Dra. Junko Ota e Profa. Dra. Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro

### *REPRESENTAÇÃO DOS DEPARTAMENTOS JUNTO À COMISSÃO DE PESQUISA*

Linguística – Profa. Dra. Ana Paula Scher (titular) e Prof. Dr. Antonio Vicente Seraffim Pietroforte (suplente)

Teoria Literária e Literatura Comparada – Profa. Dra. Regina Pontieri Sociologia – Profa. Dra. Nadya Araújo Guimarães (titular) e Profa. Dra. Vera da Silva Telles (suplente)

Geografia – Profa. Dra. Rosa Éster Rossini (titular) e Prof. Dr. Wagner Costa Ribeiro (suplente).

### *SUPLÊNCIA DE CHEFIA*

Ciência Política - Prof. Dr. Cícero Romão Resende de Araújo

Teoria Literária e Literatura Comparada – Profa. Dra. Sandra Margarida Nitri

### *RECONDUZIDOS AOS CARGOS*

O Conselho Departamental de Letras Clássicas e Vernáculas, em reunião de 08.08.2003, reconduziu os Profs. Drs. Benjamin Abdala Júnior e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, respectivamente, para os cargos de Chefia e Suplente da Chefia.

### *REPRESENTAÇÃO DOS CENTROS INTERDEPARTAMENTAIS*

Foram eleitos para representação dos Centros junto à Congregação, por unanimidade, o Prof. Dr. Flávio Wolf Aguiar (titular) e o Prof. Dr. Reginaldo Pinto de Carvalho (suplente).



Taipei – China.

Os livros foram doados à biblioteca pelo Sr. Chang Sheng Kai, representante da “The Corporate Body of the Buddha Educational Foundation” (Grupo Corporativo da Fundação Educacional Buddha).

Para a exposição, as obras de arte foram cedidas pelo Sr. Her Jian Gueng, diretor representante do Escritório Econômico e cultural de Taipei em São Paulo.

De 02 a 12 de setembro, a Biblioteca Central apresentou uma coleção de artigos chineses, dentre eles (livros, obras de cerâmica, porcelana e pinturas). Todos eles são reproduções de obras do museu do Palácio de

Dia 02 de setembro foi realizada a cerimônia de doação dos livros, que contou com convidados, além da participação da Monja Lian Nü, do Templo Budista Zen – Ti; dos Professores Chen Tsung Jye, David Jye Shyu e Mário Bruno Sproviero, todos do Departamento de Letras Orientais; além da presença do Diretor da FFLCH, Prof. Dr. Sedi Hirano e dos representantes já citados.

De acordo com o Prof. Sedi, a doação foi muito importante à Faculdade, pois possibilitará um maior contato dos alunos com a cultura chinesa, sendo esta uma forma de “unir os laços do Oriente com o Ocidente”.



## *MESA REDONDA:*

### *QUESTÕES PARA A PESQUISA EM MEIO AMBIENTE*

Foi realizada na Sala da Congregação da FEA em 12 de setembro de 2003 a mesa redonda que compõe parte do *Projeto 5* que agrupa os temas: pesquisa, educação e cidadania. Coordenado pelo Professor Titular da FEA e do PROCAM/USP, Prof. Ricardo Abramovay, o evento discutiu assuntos como: as mudanças climáticas que ameaçam o processo de desenvolvimento, a existência ou não de cidades sustentáveis e a possibilidade de se juntar desenvolvimento e

sustentabilidade. Dentre os participantes encontravam-se o Prof. Dr. José Goldemberg (Secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e ex-Reitor da USP), o Deputado Carlos Minc (Geógrafo e Deputado pelo PT/RJ), o Prof. Dr. José Eli da Veiga (Professor Titular da FEA e do PROCAM/USP). Para a realização da mesa-redonda colaboraram as Comissões de Pesquisa da FEA, FFLCH, ECA, FAU, IEB, MAE e MP, além da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP e da Diretoria da FEA.

## *VI EAGiLE – ENCONTRO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA*

Os alunos do curso de graduação do curso de Inglês e da área de Literatura Inglesa e Norte-Americana do Departamento de Letras Modernas da FFLCH organizaram o VI EAGiLE que buscou divulgar a produção acadêmico-cultural dos alunos do curso de graduação em inglês. O evento abrangeu o

período da manhã e da noite no Prédio de Letras nos dias 13 e 14 de outubro. Foram promovidas sessões de comunicação dos alunos e palestras de profissionais atuantes nas áreas de língua, literatura e tradução, bem como um sarau com apresentações artísticas.

## *VI SEMANA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA*

Exposição anual promovida em todas as Bibliotecas da USP, em comemoração a Semana do Livro e da Biblioteca.

Neste ano o Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH preparou uma série de exposições interessantes, dentre elas um Varal Literário, onde os usuários poderão expor

sua arte; e a apresentação do grupo Tambores da Paz do Projeto Barracões Culturais da Cidadania (Itapeverica da Serra).  
Local: Biblioteca Central e Biblioteca de História e Geografia  
Data: 29/10/2003 a 07/11/2003  
Fone: (11) 3091-4377

## SERVIÇO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO

### *A CONTRIBUIÇÃO DO SERVIÇO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO PARA AS ATIVIDADES DE PESQUISA*

O Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (SBD) tem como missão promover o acesso, a disseminação e a utilização da informação como apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão à comunidade nas áreas de Humanidades e Ciências Sociais.

Entre seus objetivos, destacam-se: a) atender a demanda dos usuários internos e externos, por meio da seleção, tratamento, armazenamento, recuperação e divulgação da informação especializada na área de Humanidades e Ciências Sociais; b) racionalizar e dinamizar a prestação de serviços por meio da melhoria contínua da infra-estrutura disponível; c) colaborar com atividades de ensino e pesquisa, implementando programas de capacitação de usuários quanto ao uso da Biblioteca e dos recursos de informação.

A missão e objetivos estabelecidos para o SBD coadunam-se com as exigências expressas no Decreto Federal 3.860/2001, que dispõe sobre a organização do ensino superior e a avaliação de cursos e instituições. Nos padrões de qualidade definidos pelo Ministério da Educação e Cultura, a biblioteca constitui uma unidade de análise, com atenção para o acervo especializado (impresso e eletrônico), acesso às redes de comunicação e sistemas de informação, área física para estudo e pesquisa, regime de funcionamento e modernização dos meios de atendimento.

Nos últimos anos, o SBD passa por um processo de modernização de suas instalações, com reflexos imediatos e positivos na prestação de serviços aos pesquisadores em geral. Embora os serviços tradicionais ainda sejam executados: seleção, armazenamento e disseminação, as novas tecnologias e paradigmas que permeiam os serviços de informação em geral exigem uma atitude mais dinâmica de antecipação das necessidades de informação da comunidade, promoção de novos serviços e parcerias que agreguem valor, adoção de padrões de qualidade aos produtos e serviços oferecidos.

Alguns indicadores podem ser destacados em relação à contribuição do SBD para o desempenho das atividades de pesquisa da FFLCH:

- Acervo – Especializado nas áreas de Humanidades e Ciências Sociais, contempla todas as áreas de pes-

---

#### *ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO*

Foram reconduzidos por unanimidade, o Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato para a Presidência e a Profa. Dra. Vera do Amaral Ferlini como Vice-Presidente para o período de 17/09/2003 a 16/09/2005.

---

#### *MUSEU PAULISTA*

Foram indicados para o Conselho Deliberativo do Museu Paulista os Profs. Drs. Maria Lígia Coelho Prado (titular) e Renato Silva Queiroz (suplente).

---

#### *NOVO PRESIDENTE DO CAPES*

O Professor Doutor de sociologia da UnB (Universidade de Brasília) Marcel Bursztyń é o novo presidente da entidade.

---

#### *MUDANÇAS NA PÓS-GRADUAÇÃO*

O M. Reitor, nos termos do artigo 42 do Estatuto da USP, e tendo em vista o deliberado pelo CO, em reunião de 19.08.03, baixou a Resolução USP-5064, de 25.08.03, com a seguinte redação:

§ 3º - Na composição da comissão julgadora de mestrado, 01 (um) dos membros titulares, no mínimo, deverá ser estranho ao programa de pós-graduação e à Unidade pertinente e, na composição da comissão julgadora de doutorado, 02 (dois) membros titulares, no mínimo, deverão ser estranhos ao programa de pós-graduação e à Unidade pertinentes.

§ 4º - A CPG designará:

I – se mestrado, no mínimo dois e no máximo três suplentes, sendo um deles estranho ao programa de pós-graduação e à Unidade;

II – se doutorado, no mínimo dois e no máximo cinco suplentes. Na hipótese de haver dois suplentes, um deles deverá ser estranho ao programa e à Unidade; em sendo três ou mais os suplentes, no mínimo dois deverão ser estranhos ao programa e à Unidade.

Artigo 2º - Fica incluído no artigo 107 do Regimento Geral o parágrafo de número 4º-A, com a seguinte redação:

“§ 4º-A – Os membros titulares da comissão julgadora, quando necessário, serão substituídos pelos suplentes homólogos, isto é, se do programa e da Unidade, por suplente do programa e da unidade, se estranho ao programa e à Unidade, por suplente estranho ao programa e à Unidade”.

Artigo 3º - Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições contrárias.

---

#### *PROCESSOS SELETIVOS*

A Comissão de Legislação e Recursos (CLR), através do Of. CIRC./SG/CLR/061, de 07.08.03, aprovou o entendimento de que os processos seletivos homologados até o dia do recebimento, pela Unidade, do Ofício CIRC/SG/CLR/54, datado de 27.06.03, devem ser mantidos, porque se encontram adequados à sistemática até então adotada pela Universidade.

quisa da Faculdade, pautando-se numa Política de Desenvolvimento de Coleções voltada para o atendimento das necessidades de informação da comunidade. A dimensão do acervo pode ser verificada pelo crescimento médio anual de 8200 itens e pelo total de aproximadamente 500.000 volumes.

- Controle da Produção Científica da FFLCH – Atividades de coleta, cadastramento no Dedalus – Banco de Dados Bibliográficos da USP, manutenção de um Arquivo Memória, reunindo fisicamente os documentos publicados pelos docentes e pesquisadores da FFLCH, a partir de 1934.
- Bases de dados on-line – Acesso a bases de dados referenciais (bibliografias, índices, resumos) e de texto completo (periódicos eletrônicos, fontes de informação, etc) em todas as áreas do conhecimento.
- Serviços – Além da consulta e empréstimo locais, a Biblioteca oferece os seguintes serviços: empréstimo entre bibliotecas, comutação bibliográfica nacional e

internacional, orientação ao usuário, serviço de reprografia, normalização de publicações, serviços de alerta, capacitação de usuários no uso da biblioteca e de fontes de informação especializada.

- Infra-estrutura – O SBD compreende uma área física de 5.528 m<sup>2</sup>, dispoindo de espaços amplos para estudo e pesquisa individuais e em grupo, sala para realização de sessões de capacitação de usuários e modernos equipamentos de informática para acesso da comunidade de pesquisadores.

Assim, o grande “laboratório”, como são reconhecidas as bibliotecas na área de Humanidades, apresenta um processo de melhoria contínua, atestado pelo conjunto de serviços prestados à comunidade, implementação de novos projetos, otimização dos procedimentos e rotinas de trabalho, comprometimento com a missão institucional e com a satisfação das necessidades e expectativas dos usuários / pesquisadores, com o objetivo de firmar-se como uma unidade de informação de excelência na área de Humanidades e Ciências Sociais.

## CARTAS

Além do novo lay out, o Informe traz agora uma seção de cartas para receber sugestões e críticas. Esperamos receber sua opinião!

Cartas: Rua do Lago, 717, sala 121

Cidade Universitária - São Paulo/SP - CEP: 05508-900

e-mail: [di@usp.br](mailto:di@usp.br)

Fax: 3091-4612

# INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 4 – julho/agosto/2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
SDI – SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO  
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717  
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900  
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938

*O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/ Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: [di@usp.br](mailto:di@usp.br)*